

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História

Cristiano Batista Alvarenga Junior

**O processo de desafricanização da teologia de Umbanda no livro "O
guardião da Meia-Noite" de Rubens Saraceni**

Uberlândia

2023

CRISTIANO BATISTA ALVARENGA JUNIOR

O processo de desafricanização da teologia de Umbanda no livro "O guardião da Meia-Noite" de Rubens Saraceni

Monografia apresentada aos Cursos de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciada e Bacharel em História, sob a orientação da Profa. Dra. Iara Toscano Correia.

Uberlândia

2023

CRISTIANO BATISTA ALVARENGA JUNIOR

**O processo de desafrikanização da teologia de Umbanda no livro "O
guardião da Meia-Noite" de Rubens Saraceni**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Iara Toscano Correia.

Prof. Dr. Cairo Mohamad Ibraim Katrib

Prof. Dr. Gustavo de Souza Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos meus guias e Orixás, que sempre me deixaram firme e forte, sempre me acompanhando e abrindo meus caminhos.

Agradeço a minha vó, Dinalva da Silva Alves, que me criou, me incentivou a estudar e me ajudou a ter sonhos. Infelizmente, foi vítima do genocídio do Governo Bolsonaro e faleceu de Covid-19 em 2021.

Agradeço ao restante da minha família, que me incentivaram e me apoiaram na minha trajetória até hoje. Minha mãe, irmãos e meu vô.

Agradeço ao meu primo Wilson Santos que, desde 2017, me ajudou no processo acadêmico, me aconselhando e acolhendo em Uberlândia.

Agradeço a minha orientadora Iara que, apesar dos meus “sumiços” no percurso da elaboração dessa monografia, sempre acreditou em mim e me incentivou a continuar nos momentos mais difíceis da minha trajetória até aqui.

Agradeço ao meu aluno João Victor que este ano de 2023 me ensinou o que é ser educador, me incentivou a ser um profissional melhor e, com todas as vivências que tive com ele, me mostrou o que é a felicidade e o amor.

Agradeço aos meus amigos da turma 44 do curso História, que tornaram a minha passagem por Uberlândia enriquecedora e me ensinaram o que é amizade.

Agradeço ao meu irmão de consideração, Gustavo de Carvalho, que em todos os nossos diálogos aprendi e aprendo muito, me enriquecendo como ser humano.

Agradeço a minha companheira Lorrany, que nessa reta final de graduação esteve ao meu lado, me incentivando a não desistir e, apesar dos pesares, me faz ser uma pessoa melhor a cada dia.

No mais, agradeço a todas e todos que de alguma forma estiveram presente na minha vida e que me ensinaram e aprenderam comigo de alguma forma.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca compreender como o processo de desafrikanização da teologia de Umbanda aparece no romance *O guardião da meia-noite* do autor Rubens Saraceni. Esse trabalho se organiza em dois capítulos que buscam dar conta de apresentar a construção teológica desta religião e apresentar de que maneira Rubens Saraceni, o livro “O guardião da meia-noite”, deu continuidade ao processo de desafrikanização da Umbanda. No primeiro capítulo intitulado “Rubens Saraceni e a miscigenação racial na história da Umbanda” será feita uma apresentação de forma geral sobre a Umbanda enquanto religião, pensando em um público que desconhece essa prática religiosa, a partir dos debates de Luiz Antônio Simas no livro “Umbanda: Uma história do Brasil”. A análise a respeito da teologia da Umbanda será feita a partir das discussões levantadas por Maria Helena Raimundo, mestre em história pela Universidade Federal de Uberlândia, em sua dissertação *Nas Margens da fé: A Umbanda e o Candomblé e seus enfrentamentos contra a violência e a discriminação de práticas sociais afro-brasileiras, em Uberlândia/MG (1980-2000)*; Carolina Capelli em sua dissertação “Entre a lousa e o altar: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda no estado de São Paulo”; Diana Espírito Santo “Algumas observações em torno da renovação na umbanda urbana contemporânea”. No segundo capítulo, “O guardião da meia-noite e o processo de desafrikanização na teologia de Umbanda”, buscamos pensar de que maneira na obra *O guardião da meia-noite* Rubens Saraceni apresenta a figura de Exu e se afasta das tradições africanas se aproximando do cristianismo. Nesse capítulo, trabalhamos também com as percepções de sincretismo, a tradição oral e o processo de desafrikanização da teologia de Umbanda. Desta forma, estão em discussão os temas da desafrikanização da Umbanda, o sincretismo religioso, a demonização de Exu e a história da Umbanda enquanto religião organizada.

Sumário

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO	5
Sumário	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 - RUBENS SARACENI E A MISCIGENAÇÃO RACIAL NA HISTÓRIA DA UMBANDA.....	11
1.1- Retrospectiva histórica da fundação da Umbanda.....	11
1.2 - O I Congresso Brasileiro de Espiritismo De Umbanda.....	17
1.3 - Um Pouco Sobre Rubens Saraceni	20
CAPÍTULO 2 – O GUARDIÃO DA MEIA-NOITE E O PROCESSO DE DESAFRICANIZAÇÃO NA TEOLOGIA DE UMBANDA.....	25
2.1 – Exu: Sincretismo E Demonização.....	25
2.2 – Perspectivas do umbral e purgatório, bem e mal, na obra de Rubens Saraceni	34
2.3 – A tradição viva na oralidade africana	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	45
FONTES.....	45
BIBLIOGRAFIA.....	45

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática vem de minha prática umbandista. Praticante da religião desde 2017 e, posteriormente batizado e feito o rito do *Ifá*¹, sempre me indaguei sobre as tradições dos diversos terreiros que frequentei, principalmente, a respeito do sincretismo religioso e como as tradições africanas eram representadas ou não representadas. Me perguntava o porquê da aproximação tão intrínseca com o cristianismo e com o espiritismo. Rubens Saraceni foi um dos primeiros autores umbandistas que fui apresentado e me chamou a atenção suas obras com tom cientificista e um tanto quanto positivista, bem próximo das leituras que fiz de autores kardecistas. Essa pesquisa, é fruto destas diversas questões que me incomodavam, e busca perceber a importância de Saraceni para a edificação de uma teologia umbandista e suas relações com tradições pretas e africanas, a partir de uma obra literária específica, *O guardião da meia-noite*.

Os impactos do processo de escravidão no Brasil ainda estão presentes, visto que a desigualdade racial e social de negros e negras tem revelado condições precárias de vidas com níveis alarmantes de violência. São diversas formas de violências que atuam na cotidianidade e com isso imprimem a exposição constante de um racismo estrutural. A religiosidade de matriz africana e afro-brasileira tem papel significativo na luta contra o racismo e a construção da Umbanda enquanto religião, construiu narrativas e práticas que refletiram os impactos do colonialismo em nossa sociedade.

Ao utilizar o termo matriz africana ou matrizes africanas, estamos sinalizando um ponto de tensão na sociedade a qual nos encontramos. De certa forma, essas categorizações fazem parte do processo acadêmico de criar um sistema de rotulagem construindo um universo de signos e significados que ajudam a entender de forma mais clara o fenômeno no qual nos debruçamos. Esse processo de nomear as religiosidades que possuem alguma relação com a África e, ao mesmo tempo, se afastar do senso comum no qual percebemos a existência de generalizações e simplificações, em que as práticas religiosas de matriz africana é tudo a “mesma coisa”, é muito caro para a nossa pesquisa. Quando dizemos “matriz africana”, não estamos afirmando que é “africana”, mas sim colocando historicidade e espacialidade e, esta forma, expondo uma relação com as religiosidades africanas que chegaram ao Brasil forçadamente com o processo escravista

¹ O rito do *Ifá*, basicamente, é uma ritualística de iniciação no qual é revelado os *caminhos* da minha trajetória de vida e espirituais, e quais seriam os Orixás que me acompanhariam e me aparariam nesta trajetória.

e colonial. Neste sentido, podemos observar com mais clareza o processo de violência com relação a essas religiosidades que, tendo uma de suas matrizes a África, são pretas e se encontram na dinâmica do racismo estrutural² que reduz, tira valor, de todas as práticas produzidas por corpos pretos.

Assim, entendemos que esta religiosidade tem suas origens nas tradições africanas e indígenas. Construídas, organizadas, ressignificadas no Brasil, criam e recriam seus símbolos e simbologias dentro da dinâmica da vida de seus praticantes. Portanto, a religiosidade brasileira está relacionada a um hibridismo marcada pela colonização cristianizada e as práticas ancestrais das regiões africanas, de onde vieram escravizados com culturas singulares que tiveram de reorganizar suas práticas de vida em um novo cenário político e social. Deste modo, o sincretismo está em jogo neste processo. Não cabe nesta pesquisa apontarmos no campo da fé o que é certo e errado. Partimos da ideia que existe uma diferença entre a teologia de Umbanda e a prática religiosa. Portanto, o importante para nós é percebermos que a violência que marca a colonização brasileira tem impactos significativos para as religiões de matriz africanas.

Buscamos perceber de que maneira a construção da teologia de Umbanda está relacionada a esta dinâmica de violência que tem como uma de suas consequências a desafricanização da mesma. Entendemos este movimento como um processo, desde a fundação da Umbanda, de afastamento das tradições de matriz africana e aproximação das tradições europeias, tendo como suas bases o cristianismo e o espiritismo. Deste modo, as dinâmicas políticas e sociais que demarcam o surgimento da Umbanda, juntamente com a percepção do racismo instituído no Brasil, é um ponto fundamental para refletirmos e problematizarmos nosso objeto de análise.

Utilizamos como referencial teórico dessa pesquisa o historiador, professor e escritor Luiz Antônio Simas que nos ajudou a refletir sobre diversos contextos históricos de fundação da Umbanda. Contribuindo com a interpretação dos mitos fundadores, as influências que a fundação, em 1939, da Federação Espírita de Umbanda e, posteriormente em 1941, o I Congresso Brasileiro de Espiritismo da Umbanda tiveram na construção de um processo de desafricanização desta religião. Assim, como entender de que maneira o processo de constituição da identidade nacional no período pós-abolição e

² O racismo estrutural é o racismo que está presente na própria estrutura social. Segundo essa concepção, o racismo não seria uma anormalidade ou "patologia", mas o resultado do funcionamento "normal" da sociedade. ALMEIDA, Silvio. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento.2018. Col. Feminismos Plurais.

a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, 1940-1950, influenciaram para a criminalização das práticas religiosas afro-indígenas.

Outro autor que auxilia nosso olhar afrocentrado é Amando Hampaté Bâ, escritor malinês e mestre da tradição oral africana, que aponta em seus estudos de que maneira nas sociedades orais a relação do homem e a palavra é intrínseca, sendo os próprios homens e mulheres a própria palavra, fazendo com que ela seja aquilo que traz coesão à sociedade: o valor e o respeito por aquilo que é dito. Refletindo que, as tradições africanas, oralidade se coloca como um valor moral fundamental, tomando um caráter sagrado vinculado a sua origem divina, se tornando um agente mágico por excelência. Contribuindo na percepção da necessidade de valorização da tradição oral – tão importante para os povos africanos – da mesma maneira que se valoriza tradição escrita.

Luiz Rufino, pedagogo e estudioso das relações étnico-raciais, em seu livro “Pedagogia das Encruzilhadas” contribui com o nosso projeto explicando a necessidade de colocar em prática a descolonização do pensamento buscando a transgressão de obras e das heranças coloniais, entendendo esse processo como ação que encarna forças utópicas, políticas e pedagógicas para a remontagem de seres e saberes para um novo projeto de mundo. Desta forma, o autor nos aponta a necessidade de retomar os valores das ancestralidades africanas que sofreram diversos ataques e tentativas de apagamento, colocando o Orixá Exu como grande vítima desse movimento.

Também tomamos como referência Reginaldo Prandi, sociólogo e professor emérito da Universidade de São Paulo na área de sociologia da religião, que, com suas obras, contribuiu para a escrita desta monografia sinalizando de que maneira a demonização do orixá Exu - realizado pelas epistemologias coloniais – influenciaram, não só para o processo de desafricanização e branqueamento dos espaços de Umbanda, mas as religiões de matrizes africanas como um todo. Refletindo nos diversos casos de intolerância e racismo religioso que acontecem em diversas comunidades de terreiro.

Por último, mas não menos importante, Maria Helena Raimundo, mestre em história pela Universidade Federal de Uberlândia, em sua dissertação *Nas Margens da fé: a Umbanda e o Candomblé e seus enfrentamentos contra a violência e a discriminação de práticas sociais afro-brasileiras, em Uberlândia/MG (1980-2000)*, os auxiliou muito a pensar algumas questões teológicas em relação a Umbanda, sua formação e vertentes.

Esse trabalho se organiza em dois capítulos que buscam dar conta de apresentar a construção teológica desta religião e apresentar de que maneira Rubens Saraceni, o livro

“O guardião da meia-noite”, deu continuidade ao processo de desafricanização da Umbanda. No primeiro capítulo intitulado “Rubens Saraceni e a miscigenação racial na história da Umbanda” será feita uma apresentação de forma geral sobre a Umbanda enquanto religião, pensando em um público que desconhece essa prática religiosa, a partir dos debates de Luiz Antônio Simas no livro “Umbanda: Uma história do Brasil”. A análise a respeito da teologia da Umbanda será feita a partir das discussões levantadas por Maria Helena Raimundo, mestre em história pela Universidade Federal de Uberlândia, em sua dissertação *Nas Margens da fé: A Umbanda e o Candomblé e seus enfrentamentos contra a violência e a discriminação de práticas sociais afro-brasileiras*, em Uberlândia/MG (1980-2000); Carolina Capelli em sua dissertação “Entre a lousa e o altar: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda no estado de São Paulo”; Diana Espírito Santo “Algumas observações em torno da renovação na umbanda urbana contemporânea” e Renato Ortiz em seu livro “A morte branca do feiticeiro Negro: Umbanda e sociedade brasileira”.

No segundo capítulo, “O guardião da meia-noite e o processo de desafricanização na teologia de Umbanda”, buscamos pensar de que maneira na obra *O guardião da meia-noite* Rubens Saraceni apresenta a figura de Exu e se afasta das tradições africanas se aproximando do cristianismo. Nesse capítulo, trabalhamos também com as percepções de sincretismo, a tradição oral e o processo de desafricanização da teologia de Umbanda

CAPÍTULO 1 - RUBENS SARACENI E A MISCIGENAÇÃO RACIAL NA HISTÓRIA DA UMBANDA

1.1- Retrospectiva histórica da fundação da Umbanda

Quando nos debruçamos para pensar a fundação da religião Umbanda, nos deparamos com diversos materiais teológicos que buscam trazer para um público mais amplo, que não faz parte das religiões de matriz africana, as bases da religião, como foi construído os mitos de origem e o que ela é, propriamente dita.

Um destes materiais é o livro do autor Ademir Barbosa Junior, presidente da Abeafro – Associação Brasileira de Escritores Afrorreligiosos, “O livro essencial de Umbanda”. Nele o autor narra que a Umbanda surge por volta de 1908 a partir de um jovem de 17 anos chamado Zelio Fernandino de Moraes, que se preparava para ingressar na Marinha, e passava por situações que a família intitulava como “ataques”. Esses quadros atípicos, colocavam o rapaz em uma postura de um velho que parecia ter vivido em outra época e que falava coisas incompreensíveis para a família. Em outros momentos se portava como uma “espécie de felino” demonstrando saberes sobre a natureza. (Barbosa Junior, 2014, p. 20).

Depois de levá-lo ao médico pelos familiares, foi conduzido a consultar-se em um centro espírita, já que consideravam que Zelio Fernandino estava sendo possuído. Ele foi convidado a participar de uma sessão na Federação Espírita de Niterói. Nessa sessão, ele foi tomado de uma “força alheia a sua vontade” e infringiu o regulamento que proibiam membros de se ausentar da mesa. O jovem se levantou, foi ao jardim e voltou dizendo que naquele lugar faltava uma flor. No decorrer do trabalho mediúnico, se manifestaram espíritos que se apresentavam dizendo serem negros escravizados e indígenas. Zelio Fernandino foi repreendido pelo diretor dos trabalhos, alertando sobre o atraso espiritual daquelas entidades e novamente, tomado por uma força, ele disse: “Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignam a ouvir suas mensagens? Será por causa de suas origens sociais e da cor?”. (Barbosa Junior, 2014, p. 20-21).

Na tentativa de doutrinar esse guia espiritual, um médium vidente³ pergunta ao espírito:

Por que o irmão fala nestes termos, pretendendo que a direção aceite a manifestação de um espírito que, pelo grau de cultura que tiveram, quando encarnados, são claramente atrasados? Por que fala deste modo, se estou vendo

³ Médium vidente, nesse contexto, é uma pessoa capaz de visualizar o mundo espiritual ao seu redor.

que me dirijo neste momento a um jesuíta e a sua veste branca reflete uma aura de luz? E qual o seu nome, irmão?”. (Barbosa Junior, 2014, p. 21).

A entidade questionada, responde da seguinte maneira:

Se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque para mim não haverá caminhos fechados. O que você vê em mim são restos de uma existência anterior. Fui padre e o meu nome era Gabriel Malagrida. Acusado de bruxaria, fui crucificado na fogueira da Inquisição em Lisboa, no ano de 1761. Mas em minha última existência física, Deus concedeu-me o privilégio de nascer como Caboclo brasileiro. (Barbosa Junior, 2014, p. 21).

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, revelando sua identidade, anuncia sua missão espiritual da seguinte forma:

“Se julgam atrasados os espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa de meu aparelho⁴, às 20 horas, para dar início a um culto em que estes irmãos poderão dar suas mensagens e assim, cumprir a missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados”. (...) “Deus, com sua infinita bondade, estabeleceu na morte o grande nivelador universal; rico ou pobre, poderoso ou humilde, todos se tornaram iguais na morte, mas vocês, homens preconceituosos, não contentes em estabelecer diferenças entre os vivos, procuram levar essas mesmas diferenças até mesmo além da barreira da morte. Por que não podem nos visitar esses humildes trabalhadores do espaço, se, apesar de não haverem sido pessoas socialmente importantes na Terra, também trazem importantes mensagens do além?”. (Barbosa Junior, 2014, p. 21-22).

Assim, o Caboclo das Sete Encruzilhadas estabeleceu as normas do novo culto que consistia em atendimentos gratuitos, os participantes uniformizados de branco, tendo uma ritualística simples com cânticos baixos e harmoniosos, sem palmas ou atabaques, sem adereços para a vestimenta branca e sem corte (sacrifícios de animais). Foi dado o nome da religião de *Umbanda: Manifestação do Espírito para a Caridade*, e a casa fundada por Zelio Fernandino levou o nome de *Nossa Senhora da Piedade* inspirada em Maria que recebeu os filhos nos braços. (Barbosa Junior, 2014, p. 22- 24). E, desta forma, se deu a origem ao mito fundação da Umbanda com Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Esse mito da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, segundo Luiz Antônio Simas, marca o início da codificação de uma tradição pautada pelo cristianismo e pelo espiritismo kardecista, que vai passar a operar em duas dinâmicas um pouco contraditórias: de um lado, se dedica em desaffricanizar a Umbanda, como por exemplo, a retirada da musicalidade e corporeidade, a não utilização dos cortes de animais e outros

⁴ Aparelho é um sinônimo para a palavra médium.

elementos que aparecem no mito; de outro, a centralidade de seus ritos na incorporação de espíritos dos indígenas e dos pretos velhos. (Simas, 2023, p. 97-98).

É interessante pensarmos que a anunciação da Umbanda tenha vindo de um espírito que, em outra encarnação, foi o jesuíta Gabriel Malagrida, visto que a Companhia de Jesus era responsável, desde o início da colonização brasileira, por catequizar as comunidades indígenas. Podendo ser interpretado esse gesto simbólico, como a própria Igreja Católica “abençoando” a criação desta nova religião. Outro ponto relevante a pensarmos, é o fato de que a origem deste culto ocorreu em um momento chave de construção da identidade nacional, em um período marcado pelo pós-abolição e o início da República. Nos anos seguintes a 1908, os seguidores da *Tenda Nossa Senhora da Piedade*, passaram a se identificar como praticantes de uma “Umbanda pura” ou “Umbanda branca”, se diferenciando das macumbas de filiações africanas. Buscando, talvez, legitimidade institucional e aproximação com camadas socialmente estabelecidas e intelectualizadas. (Simas, 2023, p. 99).

Esse mito de origem da Umbanda aponta uma questão relevante: de que maneira a proposta de construção de uma identidade nacional, a partir da dinâmica da nossa formação histórica, demarcada pela presença de europeus, africanos e indígenas, afeta a fundação teológica da Umbanda? Tal debate se encontra na primeira metade do século XX, com duas propostas de país. De um lado, uma que pensa a construção da identidade brasileira a partir do branqueamento racial e outra que parte da identidade a partir de um paradigma da mestiçagem, no qual, existe uma unidade de brancos, pretos e indígenas a partir de uma hierarquização que subalterniza a herança afro-indígena.

A proposta de branqueamento racial, enquanto parte do projeto de nação, é amplamente documentada. Partindo do próprio governo republicano, com o apoio de uma intelectualidade eugenista no período pós-abolição, foi feita uma tentativa de apagamento da presença de negros e indígenas da História do Brasil. Esse projeto fica expresso de forma clara quando observamos as afirmações do jurista, historiador e sociólogo Oliveira Viana no livro *Evolução do povo brasileiro*:

O valor de um grupo ethnico é aferido pela sua maior ou menor fecundidade em gerar typos superiores, capazes de ultrapassar pelo talento, pelo caráter ou pela energia da vontade, o estalão médio dos homens de sua raça ou do seu tempo. Esses homens são os únicos elementos que “marcam” numa qualquer sociedade, são eles que dirigem as massas, eles que, modelando a consciência dos indivíduos sem personalidades, que são a maioria, modelam a alma e a physionomia dos grupos a que pertencem. Em todas as raças humanas, mesmo as mais baixamente collocadas na escala da civilização, esses typos superiores apparecem: *não há raça sem eugenismo*. O que principalmente as distingue é

a sua maior ou menor fecundidade em eugênicos. Quando duas ou mais raças, de desigual fecundidade em typos superiores, são postas em contato num dado meio, as raças menos fecundas estão condenadas, mesmo na hypothese da egualdade do ponto de partida, a serem absorvidas ou, no mínimo, dominadas pela raça de maior fecundidade. Esta gera senhores; aquellas, os servidores. Esta, as olygarchias dirigentes; aquellas, as maiorias passivas e abdicatórias. (Vianna, 1938, p. 172-173).

Nessa perspectiva, a população preta e indígena estaria fadada, por sua raça, a desaparecer com a imigração europeia. Os adeptos do branqueamento consideravam que o projeto civilizatório brasileiro passava pela eliminação de corpos e saberes não brancos. Realidade esta que nossa história de resistência demonstrou que esse projeto não vingou; mas, restou resquícios dessa intelectualidade eugenista que persistem até hoje em nossa nação, com o extermínio e a tomada das terras dos descendentes daqueles que foram subjugados a colonização e escravização.

Já os adeptos da mestiçagem consideravam que não havia outro caminho para a construção da identidade nacional sem passar pelo reconhecimento dos dilemas construídos do nosso passado colonial. Esse processo, segundo essa perspectiva impactou de forma singular a formação histórica brasileira, tendo sido resolvido esse impasse da identidade nacional no campo simbólico a partir da criação de uma cultura mestiça com suas fontes em referências europeias, indígenas e africanas. No entanto, não pensavam essa mestiçagem de uma forma homogenia. Defendiam as contribuições indígenas e africanas, reconhecendo sua importância e força, mas não negavam que seus elementos estariam em um grau civilizatório inferior às referências culturais europeias. Desta maneira, propunham uma junção hierarquizada dos saberes, privilegiando os legados coloniais ocidentais. (Simas, 2023, p. 105-106).

O sociólogo Renato Ortiz em seu livro *A morte branca do feiticeiro Negro: Umbanda e sociedade brasileira*, levanta uma problemática a respeito do embranquecimento elitizado dos cultos afro-brasileiros. Colocando em questão de que maneira a prática umbandista se torna comum entre brancos do início do século XX e como ela se organiza para evitar as repressões políticas e sociais, e serem aceitas a partir da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, mencionado anteriormente. Para o autor, a Umbanda, acaba sendo o resultado de um movimento de desagregação das tradições africanas que foi direcionada para uma nova modalidade de ritos: abraçando o catolicismo e o kardecismo e desvinculando sua imagem das “macumbas”. Entraremos

melhor neste debate quando discutiremos a respeito do I Congresso Espírita de Umbanda. (Ortiz, 1991, p. 17).

Segundo o autor, a Umbanda, sendo estruturada neste momento em que a sociedade de classes pós-abolição buscava construir a nação e dar um sentido de unidade para o território nacional, acabou reproduzindo elementos contraditórios existentes no seio da sociedade. As contradições existentes no seio da sociedade, reproduz esses elementos na sua estrutura. O racismo estrutural tem um papel fundamental neste processo. As violências simbólicas contribuíram para o embranquecimento das culturas pretas, o que tornou branca também a sua relação com Deus.

Trazendo esse debate para a teologia umbandista, percebemos um campo de disputas sobre o imaginário que recobre o culto sobre as origens da Umbanda. Por um lado, existiu o crescimento de uma Umbanda que se identificava como cristã e brasileira, que se autorreferenciava como “pura” / “branca”. Ao criar referências nesse discurso da mestiçagem incluindo e, ao mesmo tempo, excluindo as tradições afro-indígenas buscava-se legitimidade institucional. De outro lado, cria-se uma percepção de que a Umbanda é afro-brasileira, valorizando e se alicerçando nas tradições africanas. Um exemplo dessa tradição umbandista é a linha de Omolokô, que tem como uma de suas principais lideranças Tata Tancredo da Silva Pinto⁵. (Simas, 2023, p. 113).

Maria Helena Raimundo, mestre em história pela Universidade Federal de Uberlândia, em sua dissertação *Nas Margens da fé*, mencionada anteriormente, nos aponta que a Umbanda Omolokô é também um culto sincrético que, além de ter como elementos o catolicismo e os guias de umbanda, traz consigo vários ritos africanistas pertencentes ao candomblé de Ketu, de Jêje e de Angola. Assim, o vínculo com os Inquices – divindades quimbundas semelhantes aos Orixás, e o ritual de iniciação são uma herança do culto de origem africana que se espalhou pelo Brasil. A principal diferença com as outras Umbandas é que os filhos são iniciados em reclusão de três dias e os inquices ou Orixás podem incorporar no médium sem dar consultas. (Raimundo, 2020, p. 48-51).

Essa prática religiosa umbandista, segundo a autora, é um culto de origem africana vinda da nação Lunda Kioko que se situava ao sul de Angola. O fundador desse culto foi

⁵ Tancredo da Silva Pinto, Tata Ti Inkice, é considerado o organizador do culto Omoloko no Brasil e o responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas para defender o seu direito de ter e cultivar uma religião afro-brasileira.

Chico Rei, um antigo rei Congo aprisionado, vendido e escravizado no Brasil que, em seu período, dominava vários territórios, inclusive o povo Lunda Kioko. Tendo adotado, no processo de escravização, o catolicismo como religião; o culto fundado por ele misturou práticas africanas com práticas católicas. Sucedido por Açumano Sadió e Oscarina Sani Adió, em meados do século XIX, dá continuidade ao culto até chegar na figura de Tata Tancredo, chamado de Tat ti'Inkisse. Ele é considerado hoje o fundador da umbanda Omolokô no Brasil. Em Uberlândia, ele foi zelador de Santo – pai de santo – de N'Ginja Delfina de Oxalá e Mãe Lídia de Nanã conforme o quadro apresentado pela autora (Raimundo, 2020, p. 48-50).



Imagem 1- Tribos Lunda Kiolo (RAIMUNDO, 2020, p. 50).

Desta forma, podemos perceber que a trajetória da formação da Umbanda enquanto prática religiosa enquanto religião está diretamente entrelaçada com a história

do Brasil, com a formação da nação e o território brasileiro, assim como, com a busca de se construir uma identidade nacional no período pós-abolicionista.

1.2 - O I Congresso Brasileiro de Espiritismo De Umbanda

As décadas de 1940 e 1950 é contexto de muita repressão e uma maior projeção das religiões fundamentadas em saberes afro-indígenas. Com o decreto-lei nº 2.848 do Código Penal, de 7 de dezembro de 1940, a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas dispõe sobre a administração de estados e municípios. O artigo 284 legisla sobre a prática de curandeirismo: I – prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância; II – usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; III – fazendo diagnósticos. Com pena de seis meses a dois anos.

Essa lei permite aferirmos que diversas práticas religiosas afro-indígenas poderiam se enquadrar como crime contra a saúde pública. O Código Penal entendia curandeirismo como quaisquer procedimentos de cura realizados por qualquer um que não possuísse diploma de medicina reconhecidos pelo Estado brasileiro. Desta forma, essa penalização poderia levar à cadeia todos aqueles que usasse métodos de cura baseados em defumadores, banhos de ervas, descarrego, consultas com caboclos e pretos-velhos, até mesmo, diversos pontos cantados poderiam se enquadrar nessa lei ao explicitar palavras de cura nos ritos. (Simas, 2023, p. 110-111).

No ano de 1941, Getúlio Vargas assinou o decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro, a respeito de contravenções penais à paz pública, aplicando penas para aqueles que perturbassem o trabalho ou o sossego alheio com gritaria ou algazarra; exercendo profissão incômoda ou ruidosa; abusando de instrumentos sonoros ou sinais acústicos, dentre outros incisos. O ponto é que, a perturbação da paz pública foi evocada em diversos momentos para reprimir terreiros que realizavam os ritos com instrumentos de percussão e cânticos. (Simas, 2023, p. 111).

Em 1939, neste contexto de repressão e perseguição as comunidades de terreiro, foi fundada a Federação Espírita Umbandista, que teve como principal objetivo para sua criação a necessidade de se ter assessoria jurídica aos terreiros filiados, buscando evitar ou diminuir a repressão policial às casas de culto. Posteriormente, em 1941 foi organizado o I Congresso Brasileiro de Espiritismo da Umbanda, que estabeleceu a necessidade de se desvincular a “Umbanda pura” das magias de origem africana, principalmente, estabelecendo delimitações rígidas entre a umbanda e a quimbanda, o que os congressistas

apontavam como tudo que a Umbanda não poderia ser. Esta última foi demarcada com o caráter de “linha esquerda, magia negra, prática do mal e exploração”, enquanto a Umbanda seria da “linha branca, magia branca, prática do bem e da caridade”. (Brown, *apud* Ligiéro E Dandara, 2018 *apud* Simas, 2023, p. 121).

Essa proposta de construção de uma Umbanda desafricanizada e afastada das tradições africanas, fica evidente quando observamos o posicionamento do congressista Diamantino Fernandes que aponta a necessidade de combater as aproximações da Umbanda com a “magia negra” e o candomblé. Segundo ele não existia cultura entre os povos africanos, evidenciando que a Umbanda não poderia ser originada no “Continente Negro”, mas que ali existe uma forma degradada das práticas ritualísticas das velhas formas iniciáticas. (Fernandes, 1942, p. 24 *apud* Simas, 2023, p. 122). No I Congresso, Fernandes reivindicava a origem oriental da Umbanda, retomando o continente Lemúria, que teria submergido no Oceano Índico, relacionando os povos hindus como elementos importantes para os primórdios do que viria a ser a religião.

Sabendo-se que os antigos povos africanos tiveram sua época de dominação além-mar, tendo ocupado durante séculos uma grande parte do Oceano Índico, onde uma lenda nos diz que existiu o continente perdido de Lemúria, do qual a Austrália, a Australásia e as ilhas do Pacífico constituem as porções sobreviventes -, fácil nos será concluir que a Umbanda foi por eles trazida do seu contato com os povos hindus, com os quais a aprenderam e praticaram durante séculos.

Morta, porém, a antiga civilização africana, após o cataclismo que destruiu a Lemúria, empobrecida e desprestigiada a raça negra – segundo algumas opiniões, devido à sua desmedida prepotência no passado, em que chegou a escravizar uma boa parte da raça branca -, os vários cultos e pompas religiosas daqueles povos sofreram então os efeitos do embrutecimento da raça, vindo, de degrau a degrau, até ao nível em que a Umbanda se nos tornou conhecida. (Fernandes, 1942, p. 20 *apud* Simas, 2023, p. 123).

Diamantino Fernandes, após essas relações “interessantes” sobre o continente perdido Lemúria, explica que o local de origem da Umbanda não seria a África, mas sim, a Índia. Defendendo, inclusive, que caboclos e pretos-velhos seriam antigos mestres hindus reencarnados no Brasil. (Simas, 2023, p. 123-124).

O congressista Baptista de Oliveira, discordou das teses de Fernandes defendendo que as origens umbandistas residiam no Egito Antigo. Comenta que as diversas invasões que o Egito sofreu, fez com que sacerdotes se espalhassem entrando em contato com religiões dos povos “bárbaros do continente africano”, abaixo do Saara. Com esse encontro a sofisticação da religiosidade faraônica foi sendo deturpada, desta forma, uma das tarefas da Umbanda seria resgatar esse espírito da alta ciência egípcia. (Oliveira, 1942

apud Simas, 2023, p. 124). Divergindo desses dois Congressistas, existiram outros que reivindicavam as origens da Umbanda na África subsaariana indicando que, no Brasil, com a aproximação do cristianismo, a religiosidade foi ganhando aspectos menos primitivos, passando a se constituir como uma religião brasileira. (Simas, 2023, p. 124).

Maria Helena Raimundo nos ajuda a pensar esse processo teológico de formação da Umbanda, sinalizando que ela é uma religião brasileira e híbrida com elementos africanos, indígenas, kardecista e católica. Por seu culto partir do princípio da caridade, de amor ao próximo, de cura das doenças do corpo físico e espiritual, ela também se caracteriza como uma religião cristã. (Raimundo, 2020, p. 38).

Aponta que os elementos presentes na Umbanda podem estar presentes no século XVI em uma prática religiosa intitulada Calundu da vila de Sabará. Calundu é uma palavra de origem africana que significa mau humor, sendo esquecida ao longo do tempo. No século XVI e XVIII, ela representava a prática de curandeirismo e uso de ervas com a ajuda de métodos de adivinhação e possessão. O termo Calundu era associado à palavra “quilundo”, de origem quimbundo (língua banto), que tinha um sentido de possessão de uma pessoa por um espírito. As pessoas que praticavam o Calundu eram reconhecidas como importantes mestres e líderes religiosos, com muita influência em suas comunidades. Estes curandeiros detinham o conhecimento de várias técnicas medicinais, com o uso de ervas, frutos e produtos naturais de fácil acesso. Em resumo, os mestres que praticavam o Calundu eram curandeiros que atendiam doentes de todas as camadas sociais, mas sobretudo os escravizados. (Raimundo, 2020, p. 39).

Desta forma, a prática de incorporação e possessão, de cura e manipulação de ervas como remédio não é algo novo nas práticas religiosas brasileiras. O mito de anunciação da Umbanda de Zélio Fernandino de Moraes e o I Congresso Espírita de Umbanda no século XX apenas reorganizou as práticas religiosas a partir de uma necessidade política e social, dando nomenclaturas aos ritos, ao mesmo tempo, evitando os preconceitos que cercam as práticas de matriz africana e indígenas. (Raimundo, 2020, p. 39-40).

Portanto, se torna impossível observamos esses desdobramentos do congresso de 1941 e seus impactos intelectual e cultural para a Umbanda e as religiões de matrizes africanas sem levar em consideração que o Brasil vivia no processo da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Nesse contexto, existia uma necessidade, para a ordem do dia, de evitar se enquadrar nas já comentadas leis que criminalizava os terreiros com os

procedimentos de cura e pela contravenção da perturbação da paz pública com a utilização da musicalidade em seus ritos. O caminho percorrido por alguns terreiros que seguiram as diretrizes deste I Congresso de Espiritismo de Umbanda implicava em um discurso identitário de desafrikanização, se afastando das tradições afro-indígenas.

1.3 - Um Pouco Sobre Rubens Saraceni

Embora muito conhecido na comunidade umbandista, pouco se sabe sobre a vida pessoal de Rubens Saraceni. Sabemos que nasceu em 1951, no interior do estado de São Paulo, na cidade de Osvaldo Cruz. Seu primeiro contato com a religiosidade foi na religião católica onde se batizou, teve experiências com o espiritismo, estudando por muitos anos a religião, somente se tornando médium de Umbanda em 1983⁶.

Ele se situa no cenário das federações e da produção literária umbandista. Autor de mais de 50 livros sobre umbanda e Magia Divina, fundou o Colégio Tradição de Magia Divina, chegando a ter iniciado mais de 20 mil “magos”. Fundou também a AUEESP - Associação Umbandista e Espiritualista do Estado de São Paulo, cujo objetivo era reunir os templos que atuam na vertente Umbanda Sagrada e nos ensinamentos de Rubens Saraceni. Comandou o Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda, que oferece formações mediúnicas e sacerdotais. (Capelli, 2017, p. 27).

Saraceni inaugurou a chamada Umbanda Sagrada, um seguimento doutrinário da umbanda paulista, que nasceu a partir da publicação de seus livros e da adesão de vários terreiros. Essa doutrina seria baseada em uma “ciência” com leis possíveis de serem abstraídas de seu contexto e entendidas como universais para além da religião. A Umbanda Sagrada abrange públicos de outras religiões, como católicos, espíritas e até ateus, praticada dentro e fora dos terreiros que a ensinam.

A teologia que o autor fundamenta é baseada em informações transmitidas por meio da mediunidade, inspiradas (psicografadas), principalmente, por dois mentores: Pai Benedito de Aruanda e Mestre Seiman Hamiser Yê. Sobre o segundo “mentor” não se sabe muito sobre sua história apenas que é responsável pelos conhecimentos práticos e teóricos sobre a chamada magia divina na Umbanda Sagrada. Já ao primeiro é creditado como desenvolvedor do conceito de “mistério divino”. Segundo Diana Espírito Santo, em seu artigo “algumas observações em torno da renovação na umbanda urbana

⁶ Biografia Rubens Saraceni - <https://colegiodeumbandatupa.com/biografia-rubens-saraceni> visto por último dia 18/11/2023.

contemporânea”. Rubens Saraceni expressa detalhes mais específicos a respeito da trajetória deste guia:

Nascido na África, diz ele, Pai Benedito foi trazido para o Nordeste do Brasil como escravo, por volta do ano 1630. Segundo Saraceni teve uma vida curta, falecendo com 38 anos. Significativamente, Pai Benedito uma vez revelou à esposa de Saraceni que numa encarnação prévia ele viveu na Itália como Dante Alighieri, antes de ser africano. Não precisando de reencarnar mais, Saraceni descreve a sua missão atual como uma "de trazer conhecimento fundamentado para Umbanda para que ela não precisa depender de ninguém". (Santo, 2014, p. 137).


Pai Benedito de Aruanda é um preto-velho, que trabalhou espiritualmente com Saraceni e o orientou na escrita de sua teologia, se tornando indissociável um do outro. Orientado por seu guia, Rubens Saraceni começou a escrever e divulgar seus manuscritos no final da década de 1990, com o auxílio de Wagner Veneziani Costa, presidente e editor da Madras Editora, publicando mais de 50 obras umbandistas e de magia construindo uma nova teologia. Dentre as inúmeras publicações de Saraceni encontra-se o romance *O guardião da meia-noite* e o *Cavaleiro da estrela guia* que viriam a se tornar um dos títulos mais lidos entre os umbandistas, estando entre os livros mais vendidos da editora atualmente. Rubens se preocupava muito com os caminhos que a Umbanda estava trilhando, as aproximações com as iniciações no candomblé, os “misticismos”, a falta de esclarecimento sobre as práticas umbandistas e uma cultura, por parte dos pais de santo, de não incentivo a pesquisa, a leitura e o estudo⁷.

Na perspectiva teológica de Rubens Saraceni, a Umbanda reúne elementos do culto aos Orixás, que chama de divindades, e as prática realizadas pelos espíritos que - incorporados em seus médiuns – oferecem consultas, orientações, afastam obsessores e desenvolvem as qualidades mediúnicas existentes em quaisquer pessoas que as tem. No plano espiritual ele organiza um Deus único acima de tudo (como no catolicismo), abaixo dele, os Orixás como manifestação deste Deus, os guias de lei da esquerda, os guias de lei da direita e por último os guias ainda em evolução. Os guias de lei da direita seriam os Caboclos e Pretos Velhos e os Exus guias de lei da esquerda. Os guias ainda em evolução seriam os espíritos de ciganos, malandros, marinheiros e crianças que precisam praticar a caridade para evoluir espiritualmente. (Saraceni, 2019, P. 17-57). A Umbanda, nesta perspectiva, busca o equilíbrio do espírito e do corpo, desta forma se pensa a relação

⁷ Em algumas entrevistas Rubens fala abertamente sobre essas temáticas, como por exemplo: Entrevista do Rubens - Rubens Saraceni - Magia Divina - <https://www.youtube.com/watch?v=Q1s3SQ2wPuo>

entre direita e esquerda. Todos temos polos negativos e positivos, grosso modo, todos somos bons e maus e a religião auxilia no equilíbrio. Os guias da esquerda equilibram o lado negativo e os da direita equilibram o lado positivo. (Saraceni, 2019, p. 57 e 237).

O livro *O guardião da meia-noite* (Saraceni, 2022) está na sua 28ª edição, foi publicado pela primeira vez em 1991 pela editora New-transcendentalis. O livro vem sendo reeditado pela editora Madras, se tornando um dos mais conhecidos de Rubens Saraceni. Em uma pesquisa realizada na plataforma *Google Trends* (ferramenta do Google que mostra os mais populares termos buscados em um passado recente) observamos que o livro se enquadra na quarta posição de temas mais pesquisados relacionados ao nome do autor entre 2004 até os dias atuais.



The image shows a screenshot of the Google Trends 'Assuntos relacionados' (Related topics) section. The results are sorted by 'Em ascensão' (Ascending). The top five topics are:

Rank	Assunto	Tendência
1	Livro - Assunto	Aumento repentino
2	Portable Document Format - Formato de arq...	Aumento repentino
3	Orixá - Divindade	Aumento repentino
4	Sagrado - Assunto	Aumento repentino
5	O guardião da meia-noite - Livro por Rubens ...	Aumento repentino

At the bottom of the list, it says '< Mostrando 1 a 5 de 22 assuntos >'. The interface includes a search icon, a help icon, a sort dropdown menu, and download, back, and share icons.

Imagem 2 - Print Screen retirado do próprio navegador do Google Trends (30/01/2023)⁸

Quando observamos as principais regiões de interesse nas pesquisas na plataforma do *Google* é possível observar que a região sudeste se destaca, sendo pessoas do Estado de São Paulo como principais interessados sobre o livro *O guardião da meia-noite* e sobre o autor Rubens Saraceni.

⁸ GOOGLE TRENDES <<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=now%201-d&geo=BR&q=O%20guardi%C3%A3o%20da%20meia-noite&hl=pt>>

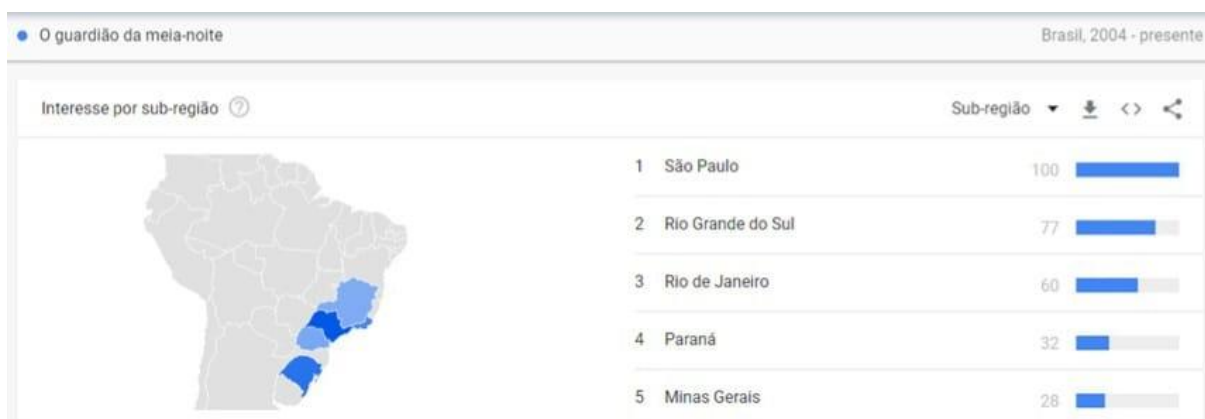


Imagem 3- Interesse por sub-região sobre o título do livro (30/01/2023)

O título do livro aparece entre os temas mais pesquisados de 2004 a 2023, sendo um dos livros que se encontra, atualmente, dentro dos mais vendidos no site da editora Madras, se tornando um *best-seller* do autor. As buscas e interesse por essa obra estão bem delimitadas pelas regiões Sul e Sudeste, especificamente nas cidades de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Vale apontar que os números são calculados em uma escala de 0 a 100, em que 100 é o local com a maior popularidade como uma fração do total de pesquisas naquele local. Assim, podemos observar que esta obra se mostra relevante dentre as mais de 50 publicadas por Rubens Saraceni. Estudar este autor tão influente nas comunidades de Umbanda brasileira, se torna fundamental para entendermos se este processo de desafricanização, que marca a fundação teológica da religião, persiste na obra desse autor ou ganha novos rumos.

Por ora, vamos nos ater ao romance que narra a história intuída por Pai Benedito de Aruanda que se propõe a ser um relato da “vida de alguém”. Segundo as próprias palavras do preto-velho a Rubens Saraceni no processo de psicografia destinado aos leitores da obra: “Vou historiar uma experiência fascinante de um velho amigo seu, que pagou o preço do desafio às leis eternas do amor e da compreensão”. (Saraceni, 2022, p.13).

Essa obra, narra a vida de Barão, um rico, poderoso que transportava produtos alimentícios do planalto até o porto de Santos, que usou do seu poder de influência para conseguir o título de nobre da coroa portuguesa no Brasil. Em um determinado momento, o personagem se cansa de estar sozinho e decide buscar uma companheira para se casar. Rapidamente, a notícia se espalha fazendo com que muitas mulheres passem a procurá-

lo, passando a ser íntimo de muitas delas. Esse fato, segundo o personagem, marca a sua maior perdição. O Barão percebe que no Brasil não existiam mulheres interessadas por ele sem pensarem em suas riquezas e seu título de nobre, levando-o a Portugal onde se casou com uma garota de 14 anos chamada Beatriz, cujo pai era um Visconde, Ministro do Rei de Portugal.

Ao voltar ao Brasil para dar continuidade as suas atividades e cuidar de suas terras, supõe que a jovem com a qual se casara, não era virgem. Esse fato, absurdo segundo seus princípios morais, o leva a elaborar um plano para vingar-se e devolvê-la a seu pai, já que se sentia humilhado pela suposta mentira de Beatriz. Na aplicação de seu plano de vingança, acaba matando um de seus “escravos”, levando a jovem a fugir de seu noivo enfurecido. O Barão arma uma grande perseguição pela garota, atacando neste processo diversas comunidades indígenas com uma caravana de mercenários, que matavam, estuprava e colocando fogo nas habitações de seus “inimigos”. Esse plano acarreta sua morte.

Morto, o Barão passa pelo que o autor chama de umbral/inferno. Em sua trajetória nesses lugares desconhecidos, conhece seres das Trevas e se torna um deles. Passa a estudar, se desenvolver, evoluir, fazendo diversos trabalhos seguindo a “lei do carma”, ganhando muito poder ao lado da figura de uma mulher chamada de Princesa, passando a ser (re)conhecido como Guardiã da Meia-Noite. Seu poder, chama a atenção dos seres de Luz que o veem como aliado, ao ponto de um guardião intitulado Guardiã da Estrela Guia pedir-lhes alguns favores. Nesse processo, a personagem principal passa a ter entendimento sobre uma ordem geral de todas as coisas, adquire muito conhecimento sobre o plano astral, sobre o bem e o mal.

Este romance, tem seu desfecho com o Guardiã da meia-noite conseguindo se perdoar pelos seus feitos e ganhando o perdão de Beatriz. Aprendendo seu lugar no cosmos e se tornando um Guardiã que trabalha a partir da Lei Maior designada pelo Criador, agindo na Umbanda em busca de sua evolução prestando auxílio a quem precisa. Neste percurso, muitos valores morais, ensinamentos sobre o plano espiritual, dogmas são transmitidos, o que nos leva a refletir sobre de que maneira Rubens Saraceni aproxima a Umbanda de referências cristãs.

CAPÍTULO 2 – O GUARDIÃO DA MEIA-NOITE E O PROCESSO DE DESAFRICANIZAÇÃO NA TEOLOGIA DE UMBANDA

Neste capítulo, buscaremos pensar de que maneira a obra *O Guardiã da Meia-Noite* de Rubens Saraceni aproxima a sua teologia Umbanda Sagrada dos dogmas cristãos se afastando em alguns aspectos das tradições africanas. A partir do diálogo dos personagens, observamos de que maneira essa obra, ao mesmo tempo que propõe uma pedagogia sobre a Umbanda Sagrada, apresenta uma narrativa que se afasta das tradições africanas, propondo um arcabouço religioso que legitima o discurso ocidental e colonizador.

2.1 – Exu: Sincretismo E Demonização

Antes de mais nada, para começarmos a pensar esse processo de desafricanização teológica da Umbanda, se faz necessário percebermos de que maneira se começou a associar a representação do orixá Exu ao demônio cristão. Portanto, devemos lembrar o processo de colonização africana e os primeiros relatos de viagem ao continente africano.

Os primeiros europeus que tiveram contato na África com o culto dos Orixás iorubás, associaram a divindade Exu - venerado pelos fons⁹ como Legba ou Elegbara – ao deus greco-romano Príapo¹⁰ e ao diabo. O primeiro pelos altares com representações fálicas do orixá e a segunda pelas suas qualificações morais narradas pelas mitologias, que o mostram como uma entidade que contraria as regras de condutas socialmente aceitas a uma divindade no ocidente (como o caráter astucioso, vaidoso, violento, grosseiro etc.). Desta forma, boa parte desses viajantes do século XVIII e XIX que chegaram em território Fom ou Iorubá descreveram Exu, a partir do olhar ocidentalizado, como entidade sexualizada e demoníaca. (Prandi, 2001, p. 47).

Um dos primeiros relatos de viagem é do autor Antoine Edme Pruneau De Pommegorge de 1789 informa que os daomeanos tinham um deus Príapo, feito de terra, com o falo enorme e exagerado em relação à proporção do corpo. (Prandi, 2001, p. 48).

⁹ Fons são um dos principais grupos étnicos linguísticos da África Ocidental, possuem como características o uso da língua *fom*, esse povo está relacionado ao Reino do Daomé e na diáspora africana contribuíram a cultura afro através do vodum.

¹⁰ Deus fálico greco-romano, guardião dos jardins e pomares, que no sul da Itália imperial veio a ser identificado como o deus Lar dos romanos, guardião das casas e das praças, ruas e encruzilhadas, protetor da família e patrono da sexualidade.

Em 1857, a partir da descrição do pastor Thomas Bowen, é enfatizado o aspecto demoníaco de Exu: “Na língua iorubá o diabo é denominado Exu, aquele que foi enviado outra vez, nome que vem de su, jogar fora, e Elegbara, o poderoso, nome devido ao seu grande poder sobre as pessoas” (Bowen, 1857, cap. 26 *apud* Prandi, 2001, p. 48).

Mas é em 1884, com a publicação do livro *Fetichisme et Feticheurs* do padre católico P. Baudin, que trata sistematicamente das religiões iorubás e que, permeado pelas interpretações cristãs do século XIX, contribuiu para a principal representação que o imaginário popular brasileiro tem sobre Exu.

P. Baudin apresenta o significado de Exu como rejeitado, adjetivando-o como um “gênio maléfico”, cruel, nojento, com a capacidade de confundir os homens com a necessidade de receber oferendas, seja de animais, azeite de dendê, búzios ou sacrifícios humanos. Reginaldo Prandi, sociólogo e professor emérito da Universidade de São Paulo na área de sociologia da religião, em seu artigo “Exu, de mensageiro a diabo: Sincretismo católico e demonização do orixá Exu” faz uma citação de um trecho do relato de Baudin muito interessante:

O chefe de todos os gênios maléficos, o pior deles e o mais temido, é Exu, palavra que significa o rejeitado; também chamado Elegbá ou Elegbara, o forte, ou ainda Ogongo Ogó, o gênio do bastão nodoso. Para se prevenir de sua maldade, os negros colocam em suas casas o ídolo de Olarozê, gênio protetor do lar, que, armado de um bastão ou sabre, lhe protege a entrada. Mas, a fim de se pôr a salvo das crueldades de Elegbá, quando é preciso sair de casa para trabalhar, não se pode jamais esquecer de dar a ele parte de todos os sacrifícios. Quando um negro quer se vingar de um inimigo, ele faz uma copiosa oferta a Elegbá e o presenteia com uma forte ração de aguardente ou de vinho de palma. Elegbá fica então furioso e, se o inimigo não estiver bem munido de talismãs, correrá grande perigo. É este gênio malvado que, por si mesmo ou por meio de seus companheiros espíritos, empurra o homem para o mal e, sobretudo, o excita para as paixões vergonhosas. Muitas vezes, vi negros que, punidos por roubo ou outras faltas, se desculpavam dizendo: ‘Eshu l’o ti mi’, isto é, ‘Foi Exu que me impeliu’.

A imagem hedionda desse gênio malfazejo é colocada na frente de todas as casas, em todas as praças e em todos os caminhos. Elegbá é representado sentado, as mãos sobre os joelhos, em completa nudez, sob uma cobertura de folhas de palmeira. O ídolo é de terra, de forma humana, com uma cabeça enorme. Penas de aves representam seus cabelos; dois búzios formam os olhos, outros, os dentes, o que lhe dá uma aparência horrível. Nas grandes circunstâncias, ele é inundado de azeite de dendê e sangue de galinha, o que lhe dá uma aparência mais pavorosa ainda e mais nojenta. Para completar com dignidade a decoração do ignóbil símbolo do Priapo africano, colocam-se junto dele cabos de enxada usados ou grossos porretes nodosos. Os abutres, seus mensageiros, felizmente vêm comer as galinhas, e os cães, as outras vítimas a ele imoladas, sem os quais o ar ficaria infecto.

O templo principal fica em Woro, perto de Badagry, no meio de um formoso bosque encantado, sob palmeiras e árvores de grande beleza. Perto da laguna em que se realiza uma grande feira, o chão é juncado de búzios que os negros atiram como oferta a Elegbá, para que ele os deixe em paz. Uma vez por ano, o feiticeiro de Elegbá junta os búzios para comprar um escravo que

lhe é sacrificado, e aguardente para animar as danças, ficando o resto para o feiticheiro. O caso seguinte demonstra a inclinação de Elegbá para fazer o mal. (Baudin, 1884, pp.49-51 *apud Prandi*, 2001, p. 48-49).

Nessa longa citação, podemos acompanhar todas as características de Exu, a partir da visão cristã, cuja representação é fundamenta a partir do deus greco-romano Príapo e do demônio cristão. Tais representações circulava nos textos católicos desde 1884 confrontando a cosmovisão de mundo ocidental com o sexo, pecado e a maldade. Além desses relatos, o sincretismo religioso brasileiro também contribuiu para esse processo demonização de Exu.

Para além de uma simples correspondência de santos católicos e Orixás que os negros escravizados utilizavam para cultuar suas divindades, livres de repressão dos seus senhores brancos, segundo Prandi, o sincretismo representa uma captura da religião dos Orixás a partir de um modelo fechado de dois polos antagônicos, bem e o mal, que regem as ações humanas. Essas concepções residem no universo judaico-cristão, contudo, não existe essa dualidade na África. No continente africano, em geral, as relações entre deuses e seres humanos eram orientadas pelos sacrifícios e pelos tabus, cada divindade tinha suas diretrizes aplicadas a seus devotos, não existindo um normal universalista de conduta aplicadas a toda a sociedade indistintamente. (Prandi, 2001, p. 51).

Essa sobreposição do cristianismo a religiosidade afro-centrada provocou a assimilação de Oxalá¹¹ e outros Orixás ao lado do bem, restando para Exu ocupar o inferno católico. O processo sincrético necessitava ocupar todos os espaços da dualidade, já que Exu não se ajustava aos modelos de conduta, seu caráter controverso o empurrou para cumprir o papel de diabo. Foi com o surgimento da Umbanda na primeira metade do século XX que se concretizou a demonização dessa divindade. Essa nova religião adotou essa herança de certas noções morais voltadas para a prática da caridade cristã, assim como espiritismo, somada a constituição de um panteão de Orixás juntamente com espíritos de caboclos, pretos-velhos e outros seres humanos desencarnados que ajudam as pessoas a resolverem seus problemas. Esses trabalhos mágicos, nessa trama de dois polos antagônicos, atuariam para fazer o bem a vida daqueles que procuram essa ajuda.

Segundo Reginaldo Prandi, em seu primeiro meio século de existência, a umbanda, espelhando-se no modelo católico, foi obrigada a levar em conta os dois lados, o bem e o

¹¹ Oxalá sincretizado em Jesus Cristo, permaneceu no topo da hierarquia dos Orixás, posição essa que já ocupa na tradição africana. Seu nome Orixanlá ou Orixá Nlá, significava o Grande Orixá.

mal. Assim, a substituição dos tabus da tradição africana, específicos de cada orixá, pela noção católica de pecado, coloca-se essa religião em um enclausuramento ético para a prática mágica, que no candomblé e outras religiões de origem afro, não existiam. A Umbanda, contudo, em contradição com as raízes africanas.

(...) nunca se cristianizou completamente. Formalmente, a umbanda afirma que só trabalha para o bem, mas dissimuladamente criou, desde o momento de sua formação, uma espécie de segunda personalidade, com a constituição de um universo paralelo, um lugar escondido e negado, no qual a prática mágica não recebe nenhum tipo de restrição ética, onde todos os pedidos, vontades e demandas de devotos e clientes podem ser atendidos, sem exceção, conforme o ideal da magia. (...)

Esse território que a umbanda chamou de quimbanda, para demarcar fronteiras que a ela interessava defender para manter sua imagem de religião do bem, passou a ser o domínio de Exu, agora sim definitivamente transfigurado no diabo, aquele que tudo pode, inclusive fazer o mal. Com essa divisão “cristã” de tarefas, tudo aquilo que os caboclos, pretos-velhos e outros guias do chamado panteão da direita se recusam a fazer, por razões morais, Exu faz sem pestanejar. Assim, enquanto o demonizado Exu faz contraponto com os “santificados” orixás e espíritos guias, a quimbanda funciona como uma espécie de negação ética da umbanda, ambas resultantes de um mesmo processo histórico de cristianização da religião africana. Como quem esconde o diabo, a umbanda escondeu Exu na quimbanda, pelo menos durante seu primeiro meio século de existência, para assim, longe da curiosidade pública, poder com ele livremente operar. Não faltou, entre os primeiros consolidadores da doutrina umbandista, quem se desse ao trabalho de identificar, para cada uma das inúmeras qualidades e invocações de Exu, um dos conhecidos nomes dos demônios que povoam a imaginação e as escrituras dos judeus e cristãos. Além de se ver chamado pelos nomes do diabo ocidental em suas múltiplas versões, Exu foi compelido a compartilhar com os demônios suas missões especializadas no ofício do mal, tudo, evidentemente, numa perspectiva essencialmente cristã. A maldição imposta a Exu na África por missionários e viajantes cristãos desde o século XVIII foi sendo completada no Brasil nos séculos XIX e XX. (Prandi, 2001, p. 53-54).

Com o surgimento da Umbanda e a Quimbanda, Exu assumiu de vez o papel de Diabo. Com a chegada das religiões protestantes no Brasil, os neopentecostais - que disputam viés com todas as outras religiões – essa demonização tomou proporções ainda maiores, levando para as mídias sociais, jornais, canais de televisão todas essas percepções de Exu vinculado a “magia negra”, que produz o mal, criando uma verdadeira propaganda de ódio. Essas percepções, para além do campo religioso, resvala no *modus operandi* do racismo estrutural existente em nossa sociedade, que confluem em diversos preconceitos e ataques que envolve a população negra e toda a herança africana.

Todas essas questões levantadas até aqui, são um contexto para pensarmos essa obra. Um movimento que Rubens Saraceni faz que se enquadra no que estamos chamando de “herança de desafricanização na teologia de umbanda” é, justamente, de aproximar a representação de Exu do demônio cristão. Em sua narrativa, o autor começa a fazer essas

aproximações utilizando-se do imaginário cristão, no qual, os demônios não podem entrar em locais sagrados, como por exemplo, a Igreja Católica, já que eles servem ao mestre das trevas:

No astral negro, eu era um dos grandes no ponto da meia-noite. Eu era o Professor da Meia-Noite, e ponto final! Por volta de 1850, fui informado pela minha Princesa de que quem eu procurava se encontrava no Brasil, e instantaneamente vim para cá. Queria vê-la e saber de toda a verdade. Quando ela me mostrou o lugar, vi que não podia entrar: era uma igreja. Que azar! Como falar com ela? (Saraceni, 2022 p. 86).

O guardião queria encontrar sua esposa da última encarnação, querendo justificar o que havia acontecido, já que carregava consigo culpa por ter causado um grande mal a moça. Sem poder entrar na Igreja para encontrá-la, pede a Princesa (sua companheira no pós-morte) para dar-lhe um recado.

- Eu fui mandado para convidá-la, senhora. O Barão quer vê-la.
 - Que Barão? Não conheço Barão algum!
 - Eu não sei quem é esse Barão, madre. Estou cumprindo ordens de minha senhora.
 - Quem é sua senhora, alma pecadora?
 - Por que não vai vê-la? Assim saberá quem é o Barão!
 - Onde está ela?
 - Acompanhe-me, madre. Eu a conduzirei até ela.
 A madre o acompanhou até um cemitério próximo e foi levada até minha Princesa. Quando a viu, assustou-se.
 - Você, ente das Trevas, é a tal Princesa?
 - Sim, sou a Princesa do Barão.
 - E quem é o tal Barão?
 - Ele foi seu marido por algum tempo, muitos anos atrás.
 - Ah, sim! Agora me lembro! Como ele está?
 - Muito bem! Ele quer vê-la. Tem muita necessidade de falar com a senhora.
 - Então, diga a ele para vir até a igreja falar comigo, pois se vocês souberam onde me encontrar, ele também deve saber.
 - O Barão não pode entrar numa igreja. Ele serve ao que reina nas Trevas. (Saraceni, 2022, p. 87).

Usando esse imaginário cristão, de pecados, reforçando a dualidade entre bem e mal, o autor coloca o personagem principal Guardiã da Meia-Noite em uma posição de não merecedor estar em um ambiente “sagrado” como a Igreja. Em um outro momento da narrativa, a madre Beatriz (ex-esposa do Guardiã) encontra com ele e estabelece um diálogo que fortalece ainda mais essa percepção de demonização de Exu.

Fomos até onde estava a mulher. Era uma freira.
 - Madre, quero apresentar-lhe o novo membro do Grande Oriente Luminoso. É o Guardiã da Meia-Noite.
 - Muito prazer, senhor. Sou a madre Beatriz.
 - Estou honrado em conhecê-la, madre. Se precisar de minha ajuda, é só falar com o Cavaleiro e ele ordenará o que devo fazer.
 - Vejo que quer aprender, senhor ..

- Exu da Meia-Noite. Fui assim denominado pelo senhor Obaluaiê, e assim quero ser chamado.
- Então, Senhor da Meia-Noite, vejo que quer aprender.
- Sim, somente um tolo fica parado no tempo, madre. Vejo que a senhora também gosta de aprender.
- (...) – Assim mesmo, fico contente por ter se tornado mais um membro do Grande Oriente Luminoso. O tempo poderá ensinar-me como entender tudo isso, creio eu.
- Também espero entender muitas coisas que até hoje me atormentam. Foi um prazer conhecê-la, madre Beatriz. Se precisar de meus serviços, o Cavaleiro da Estrela da Guia saberá onde me encontrar.
- Também gostei de conhecê-lo. É a primeira vez que falo com alguém como o senhor. Nunca tinha visto um demo..., digo, um guardião.
- Sim, é isso mesmo, madre. Sou um demônio, não escondo que sou, nem me envergonho disso. Posso não gostar de ser como sou, mas não nego nem escondo de ninguém.
- É uma escolha sua. Agora, peço licença para ir buscar meus livros – disse, meio sem jeito. (Saraceni, 2022, p. 114-115).

É interessante observar neste diálogo o confronto implícito entre luz (na figura da madre) e trevas (na figura do Exu). O personagem principal deixa claro que quer ser chamado de Exu da Meia-Noite, nome dado a ele pelo Orixá Obaluaiê que se enquadra na tradição afro-brasileira como uma divindade nos cultos de matriz africana. A madre Beatriz, nesta narrativa, escolhe o chamar de Guardiã e logo em seguida, no final da conversa, o chama de Demônio. O próprio Exu da Meia-Noite, nesta narrativa, se autodeclara um demônio.

A partir desses diálogos percebemos que existe uma possível hierarquia entre a tradição africana e tradição cristã, uma se sobrepondo a outra. Assim como, uma aproximação da figura de Exu ao Diabo, um ponto muito polêmico e problemático para as religiões de matriz africana. Para pensarmos melhor sobre essas questões, é importante entendermos quem é Exu e de que forma ele passou a ser associado às representações do diabo cristão.

Reginaldo Prandi explica que essa figura mítica de Exu tem um poder incomensurável para a cultura africana, tornando impossível qualquer coisa sem ele. Na tradição dos Iorubás se pensava o mundo dos homens como *Aiê*, e os deuses Orixás o *Orum*, tendo muitos laços e obrigações que ligam esses universos. Os Orixás são ancestrais que deram linhagem as famílias tendo suas origens perdidas no passado mítico. Os homens que vivem no presente alimentam esses ancestrais com comidas, bebidas, roupas e o mais importante, suas lembranças. Nessa tradição o ato de lembrar traz de volta a vida esses Orixás. Essa relação, entre o *Aiê* e o *Orum*, traz proteção, ajuda e identidade coletiva aos descendentes humanos. Em meio a plêiade de entidades reverenciadas a partir

dessas tradições afro-brasileiras, Exu é responsável em fazer o transporte das oferendas, propicia a comunicação entre os dois mundos, trazendo as mensagens dos Orixás, se tornando também o porta-voz dos deuses e entre os deuses, já que é o portador das orientações e ordens. Neste movimento, as oferendas são fundamentais para que tudo aconteça e Exu recebe pagamento para fazer essas comunicações, sempre que um orixá é interpelado, Exu também é, pois tudo se faz com ele.

Segundo Prandi, o que distingue Exu de todos os Orixás é seu caráter transformador: seus poderes podem quebrar as tradições, promover mudanças. Ele não depende de ninguém, mas todos dependem dele, sendo o próprio princípio do movimento. Esse orixá também é patrono da cópula e da sexualidade, nessa tradição ter uma prole numerosa é fundamental para garantir a sobrevivência da comunidade e perpetuação das linhagens, clãs e cidades (Prandi, 2001, p. 49-50).

Como em África, o candomblé no Brasil compreende Exu como movimento e por estar em todos os lugares, é visto como uma divindade múltipla conhecida e venerada através de diferentes invocações, qualidades e avatares, cada um referente a um aspecto mítico do orixá. Prandi, em seu texto, faz menção ao Ogã Gilberto de Exu, conhecedor dessas diversas qualidades de:

(...) Segundo o ogã Gilberto de Exu, são os seguintes nomes e atribuições de Exu mais conhecidos: Iangui, o primeiro da Criação, representado pela laterita; Exu Agbá, Agbô, ou Moagbô, o mais velho; Igbá Quetá, o Exu da cabaça-assentamento; Ocotó, o patrono da evolução, representado pelo caracol; Obassim, o companheiro de Odudua; Odara, o dono da felicidade, da harmonia; Ojissebó, o mensageiro dos orixás; Eleru, o que transporta o carregamento dos iniciados; Enugbarijó, o que propicia a prosperidade; Elegbara ou Legba, o que tem o poder da transformação, princípio do movimento; Bará, o dono dos movimentos do corpo humano; Olonam, ou Lonã, o senhor dos caminhos; Icorita Metá, o Exu que guarda as encruzilhadas; Olobé, o dono da faca ritual; Elebó, o Exu das oferendas; Odusó ou Olodu, o guardião do oráculo; Elepô, o senhor do azeite de dendê; e Iná, o fogo, o patrono da comunidade que é reverenciado na cerimônia do padê. (Prandi, 2001, p. 55).

Esses nomes indicam basicamente as distintas funções de Exu como mensageiro, transportador, transformador, repositivo e o doador. Luiz Rufino, pedagogo e estudioso das relações étnico-raciais, em seu livro “Pedagogia das Encruzilhadas” aponta que o orixá Exu é a protomatéria criadora, sendo a partir dele que se desencadeia qualquer movimento e ação criativa. Òkòtó Èsù Yangui é o primeiro a ser criado e a partir de seu caráter expansivo e inacabado surge todas as demais criações. Assim, a partir de sua figura surgem os princípios de “mobilidade, dos caminhos, da imprevisibilidade, das possibilidades, das comunicações, das linguagens, das trocas, dos corpos, das

individualidades, das sexualidades, do crescimento, da procriação, das ambivalências, das dúvidas, das inventividades e astúcias.” (Rufino, 2019, pp. 48). Dessa forma, podemos perceber a importância fundamental de Èsù¹² para as tradições afro centradas.

Na umbanda, o Orixá Exu traça um caminho inverso dos outros Orixás, que antes eram sujeitos vivos marcados pela sua bravura, coragem e liderança, e depois de mortos são lembrados e cultuados como deuses. Exu, pós o surgimento da Umbanda e Quimbanda, é transfigurado em humano desencarnado, assim como os caboclos no passado mítico eram reconhecidos pelo arquétipo de indígenas com qualidades morais como bravura, bom-caráter, inocência, bondade, os Exus foram homens de questionável conduta moral: assaltantes, assassinos, ladrões, contrabandistas, traficantes, vagabundos, malandros. Suas versões femininas, as Pombagiras, assumem o lado da sexualização dos pecados, sendo mulheres prostitutas, cortesãs, companheiras de bandidos, cafetinas, jogadoras de cassino, artistas de cabaré, criaturas sem família e sem honra. (Prandi, 2001, p. 54).

Essas características ficam bem demarcadas na obra analisada *O Guardião da Meia-Noite* de Rubens Saraceni, em que o personagem principal era um barão no período colonial do Brasil, tinha muitas terras, sujeitos escravizados, plantações e muitos animais, tendo influência no império brasileiro e relações próximas a coroa portuguesa. Em sua trajetória, o autor destaca os pecados que o levaram a “cair nas trevas”, como por exemplo, a ganância e a vaidade. Essas práticas o levaram a cometer atrocidades, a pior delas se encontra no capítulo “A busca”, no qual o Barão organiza uma expedição para ir atrás de sua esposa que havia sido “raptada” por indígenas, o que leva a destruição de várias comunidades e a morte de muitos nativos brasileiros.

(...) Levamos as mulheres conosco e fomos à procura da tal aldeia. Ao chegarmos nas proximidades, fomos recebidos por um bando de índios enfurecidos. Foi uma luta feroz, uma carnificina. Matamos muitos deles, porque nossas armas eram superiores.

Quando cessou o ataque, invadimos a aldeia e novamente o sangue correu. Com nossas armas de fogo já havíamos matado muitos e, com nossas longas espadas, completamos o ataque. Nossos homens eram mestres no uso de espadas. Quando já não opunham mais resistência, reunimos todos no meio da aldeia e começamos a procurar pela mulher branca.

Não a encontramos em lugar algum. Após ameaçarmos alguns de morte, disseram-nos que ela fugira assim que soube de nossa aproximação. Um deles se aproximou de mim e, muito altivo, perguntou:

- O senhor é o Barão?

- Sim, por quê?

¹² Em iorubá, a grafia da palavra Exu é Èsù.

- Ela disse que, caso fosse o senhor, era para dizer que ela não quer vê-lo nunca mais! (Saraceni, 2022, p. 31).

Este trecho da obra é muito marcante, o barão destrói e mata vários sujeitos para “resgatar” uma “mulher branca” que havia fugido (sua esposa, que mais tarde é apresentada na obra como a madre Beatriz). O Exu da Meia-Noite é apresentado como um colonizador que contribuiu para o extermínio dos povos indígenas, que não valorizava a vida de homens escravizados e nem a vida alheia.

Outra personagem que pode ser interpretado como uma pombagira, é a Princesa companheira do Exu da Meia-Noite nas trevas. Ela é apresentada como uma mulher impura que caiu ao “inferno” por ter realizado diversos abortos. Outra vez, pecados cristãos são colocados como ponto chave para a perdição.

Um dia, o Príncipe veio pedir a minha ajuda; eu o servi bem e ele deixou que eu mesmo escolhesse o presente.

- O que fez daquela jovem que foi trocada por mim, Príncipe?

- Ela havia praticado diversos abortos e foi lançada nas Trevas por seus crimes. Por quê?

- Eu a quero como presente, já que me foi permitido escolher.

- Eh, Barão! Ela já não é mais tão linda como naquela época. Duvido que alguém com um gosto refinado como o seu vá querê-la.

- Já escolhi, Príncipe. Cumpra sua promessa!

- Com muito prazer, Barão! Achei que pediria algo mais valioso. Até que me custou barato. Olhe que não aceito devoluções!

-Não se preocupe, Príncipe! Não a devolverei. (Saraceni, 2022, p. 83-84).

Em outra passagem o Guardiã da Meia-Noite fala um pouco sobre a Princesa, reforçando novamente esses pontos:

Do velho castelo, eu reinava absoluto, ao lado de minha Princesa.

Ouvi sua indagação mental e vou esclarecer: sim, escolhi uma mulher que praticou muitos abortos e havia sido uma rameira quando na carne somente para continuar com seu trabalho.

Havia sido mulher de todos e de ninguém, sem moral, nem caráter, não era virgem nem pura ou santa. Não tinha nada a ocultar ou a mostrar. Era o que era, mas ficou ao meu lado porque eu a tirei das garras do Príncipe, pois ela também havia aprendido sua lição. (Saraceni, 2022, p. 97).

Essa imagem de Exu e Pombagira com aspectos morais negativos e questionáveis demarcam a caracterização e a assimilação não só dos personagens, mas também do ambiente que habitam, as trevas/inferno. Um local marcado pela imoralidade, no qual a lei do mais forte é predominante. Podemos até pensar na semelhança com a chave de pensamento que boa parte dos autores ocidentais do século XIX utilizaram para observar os povos colonizados: a dinâmica da civilização ocidental versus a barbárie. Todas as culturas que não se enquadravam nas luzes do iluminismo foram simplificadas e

reduzidas a barbárie, servindo de justificativa para a dominação dos povos civilizados. Como Exus e Pombagiras, não se enquadraram formalmente nas dinâmicas sacras do universo cristão, acabaram sendo simplificados e reduzidos a seres infernais.

2.2 – Perspectivas do umbral e purgatório, bem e mal, na obra de Rubens Saraceni

Rubens Saraceni em sua narrativa atribui esses elementos como algo natural, reproduz as ideias de Deus criador, anjos, céu, inferno, purgatório e os pecados, identificando valores como a bondade, o amor ao próximo, a racionalidade, a vontade de obter conhecimentos e a prática do bem como fundamentais para uma ideia de evolução espiritual. O autor sintetiza a cosmovisão cristã e do espiritismo para estruturar os princípios e valores da Umbanda Sagrada, um exemplo é sua construção dos conceitos de Ubral e Purgatório. De antemão, peço desculpas pela citação demasiado longa, deixemos Saraceni desenvolver o seu conceito de umbral/purgatório:

- O umbral, ou purgatório, é um lugar onde não impera lei alguma. Foi ali que fiquei por muitos anos, até sair da cova. Aquilo é o nada. Você não tem noção de tempo ou espaço e nada existe além do tormento do espírito. Como eu era um grande devedor da Lei Maior, não havia retorno: ou descia mais um pouco, ou enlouquecia.

O umbral é isso, meu amigo: o esquecimento da Lei. Vi espíritos vagando por lá durante séculos. Perdendo toda a fé e a esperança. Ali não vai ninguém para socorrê-los; cada um tem de achar sua própria saída. Não lhe lançam uma escada para se elevar; você tem de construir sua própria escada.

Existem, ali, alguns agrupamentos de espíritos socorristas muito fechados. Eu mesmo conheço muitos desses locais.

- Não saem em busca das almas ou espíritos que vagam sem rumo?

- Quem lhe falou isso?

- Li em um livro.

- Conversa fiada para iludir incautos. O que falaram ou descreveram não foi um umbral ou purgatório como nós, os guardiões, conhecemos muito bem, mas, sim, as camadas de atração de almas pouco devedoras. Essa é uma região onde andam livres todos os tipos de espíritos. Na faixa vibratória a que chamam de umbral ou purgatório, o espírito pode ir aonde quiser sem que ninguém o incomode, ou seja, pode agregar-se a quem quiser.

Porém, o acesso ao verdadeiro umbral somente a Lei determina. Você não vai para lá; aquilo é apenas uma continuação do modo de viver, pensar e agir de quando se estava ainda em carne. Você não percebe que está lá. Pensa que ainda está vivo e não compreende nada do que realmente lhe aconteceu.

(...) No verdadeiro umbral, apenas os guardiões penetram, tanto os da Luz como os das Trevas, e assim mesmo com certa cautela, pois lá não impera lei alguma. Essa região é habitada por aqueles que não pertencem nem aos céus nem aos infernos. Ali, nem os das Trevas entram, pois não têm direito sobre quem lá está. Só os idiotas, como eu, que clamam por eles, é que são tirados de lá por seus servidores.

- Isso quer dizer ...

- Sim, se eu tivesse mantido minha fé no Criador, com o tempo seria despertado do meu estado ilusório e resgatado para algum local adequado.

- Ou seja, tudo ali é uma prova para a fé de cada um, não?

- Vejo que você compreendeu o que falei.

(...) O Criador prova a cada um que Ele existe, e todos os que têm alguma dúvida conhecem o umbral, ou zona neutra, onde a Lei reina implacável. Você é provocado a cada segundo, até as raias da loucura. Apenas os que enlouquecem não definem um rumo. Permanecem ali por séculos e perdem a noção de tudo.

Há três saídas para aqueles que são condenados ao purgatório: ou sobem, ou descem, ou permanecem.

(...) – Não entro. Sou chamado ou mandado, não importa. O umbral não é um lugar, é um estado de espírito mental. (...)

- Muito mais, Taluía. Na verdade, toda essa região é pura criação de mentes combalidas pela dor de seus corpos e almas. Imagine um pesadelo e você terá uma noção do que é o umbral. Cada um vê à sua maneira e encontra nele os monstros particulares que alimentou durante sua passagem pela carne. O umbral é a materialização dos medos do seu subconsciente de cada um. Percebe o que estou lhe explicando. (Saraceni, 2022, p. 90-93).

Ao desenvolver o conceito teológico de umbral/purgatório como um lugar “onde não impera a lei”, sem percepção do tempo e espaço, um não-lugar de abandono e de provação da fé “te levando a loucura”, um estado de espírito confuso, não sendo possível a percepção se está vivo ou morto, sendo essa região “pura criação de mentes combalidas pela dor de seus corpos e almas”, se tornando uma caminhada particular de “materialização dos medos do subconsciente de cada um”.

Retomando a informação comentada anteriormente na biografia do autor, em que, a pesquisadora Carolina Capelli descreve a existência de um diálogo entre Rubens Saraceni e sua esposa, no qual, ele afirma que seu preto-velho Pai Benedito de Aruanda – inspirador da obra aqui analisada – em outra encarnação teria sido o próprio Dante Alighieri. É curioso pensar como essas imagens do Purgatório se diferenciam nos dois relatos. Na narrativa da obra canônica *Divina Comédia*, Dante percorre com seu guia e Virgílio pelo “Inferno”, “Purgatório” e pelo “Paraíso” com sua musa angelical Beatriz. Outro fato interessante, já que a personagem madre Beatriz esposa do Guardiã da Meia-Noite em sua última encarnação carrega o mesmo nome da musa, sendo também uma figura que carrega consigo características “sacras” como a moralidade, o vínculo hierárquico de Madre da Igreja Católico, dentre outros.

Segundo João Adolfo Hansen, professor, crítico literário, pesquisador, ensaísta e historiador da literatura brasileira, em “Notas de Leitura” da obra *Divina Comédia*¹³, Dante faz uma viagem pelos círculos do Inferno, Purgatório e Céu, se configurando em

¹³ A *Divina Comédia* é um clássico da literatura mundial, fonte original mais acessível para se pensar e refletir sobre a cosmovisão medieval, que dividia o Universo em círculos concêntricos. Dante Alighieri, contribuiu para a teologia cristã trazendo materialidade para as ideias teológica de Céu, Inferno e Purgatório, que antes não passavam de abstrações teóricas. ALIGHIERI, Dante. *Divina comédia*. Tradução de João Trentino Ziller. 1. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

uma peregrinação espacial, simultaneamente alegórica e figural, por lugares de vícios e virtudes que são *exemplos* da realização do sentido da história humana na eternidade. (Hansen, 2011, p. 6).

Hansen aponta que o Purgatório seria um estado intermediário entre a danação e a beatitude eterna. Dante Alighieri descreve esse lugar como uma montanha cônica que se ergue da Terra até o primeiro orbe de ar e fogo do Céu, tendo suas encostas cobertas de árvore frutíferas. A entrada neste local é muito difícil já que um anjo monta guarda em sua porta e a montanha é protegida por dois anéis de paredes que dividem o “Antepurgatório” (canto I até o IX) e o “Purgatório” (Canto IX até o XXVIII). “Entre as paredes, há sete terraços concêntricos que figuram, em ordem decrescente de gravidade, cada um dos sete pecados mortais punidos no “Inferno”: preguiça, luxúria, gula, avareza, orgulho, inveja, ira. Assim, cada círculo do “Purgatório reflete, simétrica e inversamente, os círculos do “Inferno” (...).” (Hansen, 2011, p. 21).

Esse caminhar pelos círculos do Purgatório é um processo de expurgo dos pecados da alma, um processo de expiação. Algo similar ao narrado por Rubens Saraceni no qual o espaço chamado de “Umbral/Purgatório” também serve para purificar o espírito. No entanto, para Dante Alighieri existe uma noção de tempo percebido pelos dias e pela rotação anual dos planetas e estrelas. Segundo Hansen, o Purgatório na perspectiva de Dante, nos Cantos IX, XV e XXV do “Purgatório”, é um convite ao leitor a adotar a perspectiva de Deus vendo a Terra, já que esse local é um espelho do tempo a ser vivido nela. (Hansen, 2011, p. 22).

A obra de Dante inaugura uma noção de purgatório, uma vez que, para a tradição ocidental era apenas uma abstração teológica (Hansen, 2011, p. 21), podemos observar que Saraceni faz uma aproximação linguística da ideia de umbral (kardecista) e purgatório um tanto quanto simplificadora. Ele acrescenta, além desses conceitos, a noção de “subconsciente”¹⁴ da psicanálise no século XX.

Nesta teologia de Umbanda é perceptível a particularização e individualização do umbral/purgatório e das trevas/inferno. Rubens Saraceni aponta que os seres humanos criam para si mesmos o próprio inferno, dando o exemplo do personagem Guardiã da Meia-Noite, que, por causa de sua mulher, criou o próprio inferno.

¹⁴ A noção de inconsciente surgiu com os estudos realizados pelo psicólogo clínico francês Pierre Janet e, posteriormente, amplamente divulgada pelo psicanalista austríaco Sigmund Freud que na sua primeira descrição do nosso aparelho psíquico apresenta três instâncias (níveis): o inconsciente, o subconsciente e o consciente.

- Então, como eu dizia, não passava de um instrumento da Lei. Estudei os livros, em sua maioria, e aprendi que nós somos uma sucessão de erros e acertos. Se fizermos o bem, nada de mal nos advém no futuro; mas, se erramos, pagamos. Se fizermos o mal, com o mal seremos pagos e assim por diante.
- Isso eu já conheço.
- Sim, eu sei, mas talvez não saiba que céu e inferno só existem para quem os procura.
- Como assim?
- Encontrei, nas Trevas, espíritos que já foram grandes luminares da humanidade e que, em uma encarnação posterior, cometeram uma falha grave e foram purgar o erro nas Trevas.
- Isso é o pior que pode acontecer a alguém que já tenha conquistado um alto grau de espiritualização, não?
- Sim, e o inferno está cheio deles. Quantos homens e mulheres não criam um inferno particular a todo momento?
- É verdade.
- Eu criei o meu por causa de uma mulher. Foi por isso que tentei falar com ela. Se ela tivesse me ouvido, eu teria feito de tudo para mudar minha conduta. Mas não, ela não quis me ouvir nem ver. A consequência foi uma queda maior para mim. Eu só queria o perdão dela, nada mais. Será que eu estava querendo muito? Eu, um ente das Trevas, queria ser perdoado por um ente de Luz, e nem isso me foi permitido. Avancei nas Trevas e descobri tudo o que é permitido a alguém saber. Tornei-me um dos grandes nas Trevas. (Saraceni, 2022, p. 94-95).

Nesse diálogo, a percepção ocidental de progresso, evolução positiva do espírito aparece de forma bem demarcada associada a dualidade entre bem e mal, céu e inferno, trevas e luz. Assim como, a culpabilização da mulher como causadora e responsável pela ida do personagem principal ao inferno. Essas ideias eurocêntricas de referências positivistas demarcam a obra de uma forma geral, principalmente, quando observamos os papéis das mulheres, a personagem Princesa e a madre Beatriz.

Esses aspectos reproduzem algumas ideias estruturais do machismo e do estigma que as mulheres carregam, marcada pela narrativa cristã, da perdição e origem dos pecados a partir de Eva comendo o fruto proibido, episódio central na constituição do imaginário cristão e reproduzido na cultura ocidental. Segundo, Reginaldo Prandi “o pecado da mulher é o pecado do sexo, da vida dissoluta, do desregramento, é o pecado original que fez o homem se perder” (Prandi, 2001, p. 54). Assim, é perceptível essa bagagem negativa que Saraceni constrói na figura dessas mulheres e que também está presente na sua teologia na caracterização das Pombagiras.

Dentro dessa cosmovisão de universo, as representações de Exu e Pombagira, permeiam uma batalha entre o bem contra o mal. Saraceni delimita vários confrontos da luz contra as trevas, em que o Guardiã da Meia-Noite fazendo trabalhos junto a homens encarnados chamados de “magos negros” ou “bruxas”, buscando fazer o mal para as

peessoas (Saraceni, 2022, p. 85). Um exemplo desses trabalhos é narrado pelo personagem principal:

Um dia fui levado até o amo.

-Venha cá, escravo. Tenho um trabalho para você. Alguém pediu ajuda e pagou bem por isso. Você irá executar a tarefa para mim. Caso falhe, minhas cobras o atacam.

Em alguns segundos, fui conduzido até onde tinha de fazer o trabalho. Um daqueles que me guiavam explicou qual era a tarefa: eu teria de induzir uma jovem a entregar-se a um homem de aspecto asqueroso. Ou fazia o trabalho, ou as cobras me atacavam.

Procurei saber como agir e recebi instruções. Foi até fácil a tarefa, pois eu agia no subconsciente da moça e ela não tinha forças para resistir aos calafrios do homem.

Assisti a tudo, e até me excitei com aquelas cenas.

Por diversos dias agi daquela forma, até que ela se tornou dependente dele e, quando o homem asqueroso já tinha domínio sobre ela, fui levado de volta.

- Muito bem, Barão! Trabalhou bem. Vamos! Hoje iremos receber uma oferenda e você poderá participar.

Eu fui, acorrentado, até o lugar. Novamente, chegamos em instantes. Vi uma bruxa velha fazer uns riscos no chão, chamar meu chefe e dar-lhes alguns presentes. Ele colheu no astral a sua parte e o resto os outros pegaram. Fiquei de fora, pois temia incomodá-los. (Saraceni, 2022, p. 81-82).

Saraceni usa adjetivos negativos como “asqueroso” e estereótipos como “vi uma bruxa velha fazer uns riscos no chão” desenhando uma caricatura do que seria um ritual de “magia negra” que agiria de forma negativa na vida de outras pessoas, neste exemplo, a vida de uma jovem.

Em contrapartida, o autor também desenvolve o que seria a ação do bem, com o mesmo personagem. Depois do Guardiã da Meia-Noite ter aprendido e se tornado um grande ente das trevas ele conhece um ser de luz, Guardiã da Estrela da Guia, que o chama para fazer um trabalho espiritual. Neste trabalho, ele deve defender e limpar um ambiente de velho benzedor.

Em segundos, estávamos num cômodo pequeno, cheio de imagens de santos católicos. Eu conhecia muitos deles, pois, quando na carne, via-os nas igrejas.

- O que é este lugar, Cavaleiro da Estrela da Guia?

- A casa de um benzedor. É homem caridoso, e vive para os seus semelhantes. Nada pede em troca. Faz o que faz pelo prazer de fazer.

- Onde me encaixo na missão dele, Cavaleiro?

- Observe melhor e verá os que querem barrá-lo em sua tarefa.

Eu olhei, pois tinha tal poder, e vi diversos entes das Trevas no caminho do benzedor.

- Por que eles o perseguem, Cavaleiro?

- É por causa dos que ele ampara com sua fé.

- Só por causa disso?

- Sim. Não concordam que ele tente ampará-los na dor. Gostariam que caíssem de vez, e por isso vivem perseguindo-o. Analise quem foi o homem e verá se merece sua ajuda.

- Vou observar o passado dele, Cavaleiro.
- Olhei e vi um caridoso sacerdote no passado. Avancei mais e vi um bom médico.
- É. Ele sempre viveu ajudando os semelhantes. Como posso ajudá-lo?
- Vindo aqui, de vez em quando, para limpar o astral dele a fim de que possamos ajudar os que aqui acorrem em busca de socorro. São espíritos encarnados que sofrem todo tipo de choques, tanto na carne como na alma. Se ninguém fizer algo por eles, acabarão trazendo para a vida terrena todas as agruras do inferno e isso é ruim. Precisamos de sua ajuda. (Saraceni, 2022, p. 100-101).

As ações que o autor apresenta são descritas como boas a partir da figura de velho benzedor, um sujeito caridoso, que vive para fazer o bem para os outros e que viveu assim por várias encarnações, sendo a sua primeira como sacerdote e a segunda como médico. Além do autor ambientar a cena em uma casa com várias imagens de santos católicos para representar um lugar sagrado, essas características podem ser pensadas como um exemplo do que é a prática umbandista: realizar o bem ao próximo sem esperar nada em troca, tendo em seu altar o culto a santos católicos.

Segunda o autor Lísias Nogueira Negrão, sociólogo da religião, no seu artigo “Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada” esse princípio da caridade totalmente desinteressada do ponto de vista econômico é uma herança da moralidade espírita que funciona como um legitimador das práticas mágicas, entrando em contradição com os traços mágicos de tradição negra que validam suas trocas econômicas com os Orixás e guias a partir da intercessão dos pais-de-santo. Nessa perspectiva, o progresso econômico depende de uma troca, mas ela é compatível com a ética da caridade. Assim, o princípio da caridade não se contrapõe apenas à cobrança, mas especialmente a utilização do poder espiritual para práticas mágicas tidas como maléficas para outras pessoas.

Essas práticas malfazejas são chamadas de demandas – expressão simbólica que significa ataque ou defesa contra seus desafetos. É contra essa prática que os “guardiões” nesse romance lutam e neste trecho destacado anteriormente, o personagem principal vai a casa do benzedor para “limpar” o ambiente e eliminar os espíritos das trevas que ali estavam. Desta forma, essa luta constante do bem versus o mal que Saraceni a partir do romance, reflete o combate ético dos seres da luz e os seres das trevas que buscam evoluir espiritualmente. Segundo Negrão:

A caridade, ideal cristão filtrado pelo crivo kardecista, impregnou profundamente a ética umbandista. Praticá-la, fazer o bem a vivos e mortos é o único caminho para a evolução espiritual destes e daqueles. Não obstante, choca-se ela contra duas práticas tradicionais dentro do universo mágico no qual se constituiu: a cobrança pelos serviços religiosos prestados e a demanda, ou combate mágico a inimigos e desafetos. Ambos são necessários: a primeira para a manutenção dos terreiros e a segunda porque há a necessidade de defesa

e proteção dentro de um universo de relações hostil, regido pela inveja e pela concorrência. (Negrão, 1993, p.119).

Assim, esse crivo kardecista e cristão da caridade comporta um antagonismo na prática mediúnica umbandista. Outro ponto importante a se mencionar nessa obra de Rubens Saraceni é que ele constrói um universo harmônico entre essa dualidade cristã. O texto indica que os dois extremos nas hierarquias do céu e inferno estão juntos criando uma situação de dependência da luz contra as trevas fazendo parte do criador. Essa perspectiva demarca ainda mais a noção cristã de um Deus único criador de tudo: luz e as sombras.

Em um diálogo entre o Cavaleiro da Estrela da Guia e o Guardiã da Meia-Noite em uma assembleia dos series de Luz fica muito claro que as duas pontas da luz e trevas trabalham juntas para a ordem e a Lei.

(...) – Talvez eu entre em confronto com o que sirvo.

- Acho que não, Guardiã. No fim da linha os extremos se encontram. O de cima se entrecruza com o de baixo e formam o Todo. Nós somos aqueles que habitam o meio.

- Isso é interessante, senhor. Continue, por favor.

E ele continuou falando do Todo e das partes que o compõem.

- Nós somos a parte visível do Todo, Guardiã da Meia-Noite. Temos acompanhado você desde sua morte. Vimos seu desespero e sua queda, sua ascensão e sua conduta. Vimos quando quis ler os livros negros e conhecer os mistérios que envolvem as Trevas, e também como se conduziu pela lei do carma. Vimos você não negar ajuda a um dos nossos quando lhe foi solicitada. Muitos a negaram, outros não, e você foi um deles. Tudo está escrito no seu livro, Guardiã da Meia-Noite. Se hoje nós o temos conosco, é porque confiamos em você. Sabemos que é um ente das Trevas totalmente esclarecido e equilibrado. Não queremos que altere sua conduta, mas que nos ajude com suas forças na linha da lei. (Saraceni, 2022, p. 108-109).

Assim, Rubens Saraceni cria um cosmos organizado que coloca luz e trevas como pertencentes a um Todo criado por Deus, associando as imagens de Exu e Pombagira a demônios que, quando “esclarecidos e equilibrados”, trabalham para a Luz combatendo os menos esclarecidos. O autor constrói ensinamentos de uma teologia pautada pela moralidade espírita a partir do princípio da caridade, que para ele, seria a “verdadeira Umbanda”: uma religião que não usa as forças das trevas para provocar os malefícios a outros indivíduos e que não presta a caridade a fim de evoluir espiritualmente.

2.3 – A tradição viva na oralidade africana

Como último ponto de reflexão, gostaríamos de destacar a importância da oralidade para a tradição africana. Pensar a história e a tradição africana é lembrar e

referir-se à tradição oral, sem levar em consideração a herança da oralidade, dos diversos saberes constituídos e transmitidos de geração em geração por mestres e aprendizes, por contadores de histórias, é muito difícil compreender os povos africanos.

As sociedades ocidentais construíram suas histórias pautadas pela escrita e tendo os livros como um principal veículo de circulação e de preservação do conhecimento e da cultura, após o período iluminista, durante o século XVIII, buscou-se a valorização da razão em detrimento dos pensamentos religiosos, julgando os povos sem escrita como sem cultura e sem história. Podemos lembrar que Hegel em seu texto *Filosofia da História* desqualifica as práticas simbólicas africanas apontando os povos africanos como selvagens, já que não tinha escrita eram homens que viviam na barbárie não sendo um lugar habitado pela razão.

O negro representa o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos librar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano. (...)
A carência de valor dos homens chega a ser inacreditável. Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato inexistentes. (Hegel, 1999, p. 83-86).

Essa passagem denota o pensamento ocidental que legitimava a dominação colonial e a exploração destes homens e mulheres. Durante o passar dos tempos e após a segunda grande guerra mundial, ficou claro que o ocidente não é tão evoluído assim e que a tradição oral, é um testemunho tão válido quanto a escrita. Nada prova que a escrita seja um relato fiel da realidade impassível de falsificações e alterações, o que fica claro é o valor dos homens que fazem estes testemunhos e suas cadeias de transmissão destes conhecimentos, assim como, o valor atribuído a verdade em cada sociedade que produz esses relatos. Assim, entender de que maneira as sociedades africanas construíram seus sistemas de verdades e de valorização da palavra dita é importante para pensarmos as representações ocidentais presentes no romance de Saraceni.

Amando Hampaté Bâ, escritor malinês e mestre da tradição oral africana, em seu texto *A tradição viva* aponta que nas sociedades orais a relação do homem e a Palavra é intrínseca, sendo os próprios homens e mulheres a própria palavra, fazendo com que ela seja aquilo que traz coesão à sociedade: o valor e o respeito por aquilo que é dito. Nas tradições africanas a oralidade se coloca como um valor moral fundamental, tomando um

caráter sagrado vinculado a sua origem divina, se tornando um agente mágico devendo ser utilizada com prudência.

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótico àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, histórica, divertimento e recreação. Uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (Bâ, A. Hampaté. Pp. 224).

Assim, tradição oral não distingue o espiritual e o material podendo ser entendido e aprendido por todos iniciados nas artes ocultas ou aqueles que aprenderam os conhecimentos no cotidiano, na prática, nas vivências da vida. A tradição oral faz parte da vida das pessoas e das formas de ver o mundo. Um exemplo, disso são os próprios mitos fundadores de alguns povos africanos da região da savana próximo ao Saara.

Segundo a tradição bambara¹⁵ do komo¹⁶ o ser Supremo *Maa Ngala*, criador de todas as coisas, quando sentiu falta de um interlocutor, criou o Primeiro Homem: *Maa*. Ele recebeu de herança a Mente e a Palavra, partes do poder do criador divino, se tornando receptáculo da Força suprema e de todas as outras forças existentes. *Maa Ngala* ensinou a *Maa* as leis que constituem o cosmos, o intitulado como guardião do Universo e encarregado de zelar pela Harmonia universal.

Com todos esses aprendizados, *Maa* transmitiu a seus descendentes se iniciando, assim, a grande cadeia de transmissão oral iniciatória a qual a escola de Komo diz-se continuar. Como as palavras provinham de *Maa Ngala* para os seres humanos, elas tinham um caráter divino, já que eram uma das qualidades deste Deus criador. Portanto, a tradição africana concebia a fala como um dom de Deus. (Bâ, A. Hampaté, 2010, p. 225-227).

Levando em consideração importância singular da oralidade para África, percebemos que Rubens Saraceni, em *O guardião da Meia-noite*, se afasta e retira essa tradição de sua obra se aproximando de uma episteme científica ocidental. Em vários momentos da narrativa os livros são descritos como as fontes principais de conhecimento

¹⁵ Granda grupo étnico mandés que vive no oeste da África (Mali, Guiné, Burkina Faso e Senegal) falantes da língua bambara.

¹⁶ Escola de iniciação no Mali.

e de busca pela evolução espiritual: os livros das trevas e a *Biblioteca do Grande Oriente Luminoso*.

Tirei minha capa e vi um símbolo cravado nela.

- Quem o fez, que nem percebi?

- Foi o senhor Obaluaîê, ou Senhor dos Mortos, quem o marcou como um à sua esquerda.

- Começo a perceber que é muito mais profundo do que eu imaginava a princípio.

- É, Guardiã. Venha conosco e você entenderá melhor.

Eu o segui, depois de saudarmos aos outros membros da reunião. Levaram-me a uma biblioteca enorme. Os corredores não tinham mais fim. A quantidade de livros era tamanha que toda a eternidade não seria suficiente para ler todos.

- Fantástico! – falei. – Como conseguiram acumular tantos livros?

- Os milênios fizeram isto. Aqui é somente um dos centros de estudos do Grande Oriente Luminoso. Vou pedir alguns livros para você, Guardiã. Neles poderá tirar todas as suas dúvidas.

Uma moça veio ao nosso encontro. (...)

- Aqui estão, Cavaleiro da Estrela da Guia. Ficarão aos seus cuidados até retornarem aos seus lugares, na biblioteca. Este outro aqui é um presente para o seu amigo – e ela estendeu-me um livro dourado. Era um resumo da história do Grande Oriente.

- Vou ler primeiro este, Cavaleiro. Quero saber onde me meti desta vez.

- Garanto que vai gostar, Guardiã. Quanto aos outros, cada qual tem um símbolo e um nome na capa. Espero que os compreenda no todo e nas partes. Só assim saberá situar-se à esquerda na linha de lei.

- Vou estudá-los com atenção; quando tiver entendido, eu os devolverei a você. Onde poderei encontrá-lo? (...). (Saraceni, 2022, p. 112-113).

É nítida a intensão de depositar nos livros uma importante referência de conhecimento, o problema é não evidenciar que a aprendizagem com os mais velhos, os mestres e mestras, os Orixás, dentre outros anciões e guias espirituais, também é uma parte relevante para o aprendizado da religião Umbanda. Não existe, nesta obra, uma valorização da tradição oral – tão importante para os povos africanos – da mesma maneira que se valoriza a escrita. Esse ponto a nosso ver, que evidencia o afastamento das tradições africanas nesta teologia de umbanda que Rubens Saraceni fundamenta.

Enfim, ao analisar a obra, observa-se vários elementos que indicam o processo de desafricanização, dentre eles o movimento de cristianização teológica da Umbanda, associando as representações de Exu e Pombogira a demônios, o estabelecimento de um Deus único e criador, o enquadramento das práticas religiosas afro-indígenas da dualidade entre bem e mal cristã e a valorização da escrita como a principal forma de obtenção de conhecimento e aprendizagem em detrimento da oralidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição da Umbanda, enquanto uma religião organizada, se enquadra em um contexto de muita repressão e perseguição das práticas de matriz africana, juntamente com um país que buscava uma identidade nacional a partir de uma percepção de miscigenação social do branco europeu, preto e indígena. Esse paradoxo de nossa formação nacional se articula com o surgimento das primeiras Federações de Umbanda e o I Congresso Espírita de Umbanda que trabalharam em uma perspectiva similar a ideologia colonizadora e racista da sociedade brasileira: a Umbanda é resultado da junção dos elementos europeus expressos nas tradições cristãs e kardecistas que devem “esclarecer” e “depurar” as práticas africanas e indígenas.

Esse processo de desafricanização nada mais é que o *modus operandis* do colonialismo, que persiste em apagar memórias, lembranças, locais, cultura e corpos pretos. A teologia de Umbanda construída por Rubens Saraceni no livro *O guardião da Meia-Noite* reproduz o racismo estrutural presente em nossa sociedade ao cristianizar, sincretizar os elementos da tradição africana em sua narrativa literária. Desta forma, quando observamos essas aproximações de Exu ao Diabo, lembramos que esse movimento não é um caso isolado, mas sim, um fato social. O processo histórico dos primeiros relatos cristãos de viagem a respeito da religiosidade africana, o surgimento da Umbanda e Quimbanda que aproximou os Orixás do lado do “Bem” e Exu do lado do “Mal” também ajudou a demonizar as representações desta entidade. As Igrejas protestantes ao propagar essa demonização em redes sociais, canais de televisão, revistas, rádios etc. levou ao senso comum essas percepções, que ampliaram ainda mais as repressões e perseguições as religiões de matriz africana.

Neste sentido, nosso trabalho buscou apontar essas relações entre a teologia de Saraceni com esse processo histórico de desafricanização da Umbanda. Assinalando que a história das Umbandas se confunde com a história do Brasil, tendo uma relação intrínseca com a cultura popular preta, com o processo escravocrata e que, apesar da história oficial desta religião apontar que seu surgimento data de 1908 com o mito da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, outros relatos não-brancos apontam para outros caminhos. Portanto, compreender o surgimento e as heranças que a Umbanda carrega é uma tarefa que envolve aspectos, políticos, sociais, culturais e raciais, se tornando um exercício historiográfico muito melindroso e complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

Bruno Guerreiro de Moraes. Entrevista com Rubens Saraceni - O Chico Xavier do Candomblé e Umbanda - Guardião da Meia Noite - <https://www.youtube.com/watch?v=-HdOWNjhs2U>

Colégio de Magia Fonte do Arco Iris. Mensagem Rubens Saraceni - Programa Hebe - https://www.youtube.com/watch?v=GYTLPuGsL_0

Consciencia Prospera. Entrevista do Rubens - Rubens Saraceni - Magia Divina - <https://www.youtube.com/watch?v=Q1s3SQ2wPuo>

CUMINO, Alexandre. Depoimento - Rubens Saraceni - Teologia de Umbanda - <https://www.youtube.com/watch?v=AweU4iHBex4>

HANSEN, João Adolfo. Notas de Leituras. In ALIGHIERI, Dante. *Divina comédia*. Tradução de João Trentino Ziller. 1. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

KROONTV- Evolution. TV MUNDI- PROGRAMA ENIGMAS BATE PAPO SOBRE O LIVRO DE RUBENS SARACENI - <https://www.youtube.com/watch?v=0dA2VQPzfc8>

Radio toques de Axé. DOCUMENTARIO - Histórias Inéditas sobre Rubens Saraceni - Umbanda Sagrada - Agni Sagrado - <https://www.youtube.com/watch?v=G29shZ8lzoE>

SARACENI, Rubens. *Doutrina e Teologia da Umbanda Sagrada*. São Paulo: Madras, 2019.

SARACENI, Rubens. *O guardião da meia-noite/inspirado por Pai Bendito de Aruanda*. Ed. 28. – São Paulo: Editora Madras, 2022.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento.2018. Col. Feminismos Plurais.

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. *O livro essencial de Umbanda*. São Paulo: Universo dos livros, 2014.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, Editora da USP. 1971.

CAPELLI, Caroline. *Entre a lousa e o altar: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda no estado de São Paulo*. São Carlos, 2017. Dissertação.

- CHARTIER, Roger. “O mundo como Representação (1991)” *IN: Revista das Revistas*. Disponível em: <https://www.passeidireto.com>
- FANON, F. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- G. W. F. Hegel. *Filosofia da história*, 1999.
- HAMPATÉ. A tradição viva *in: BRASIL*. Joseph KI-Zerbo. Unesco (ed.). História Geral da África: metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010. Pp. 167-2013.
- KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; PUGA, Vera Lucia. *Mulheres de fé: Urdiduras no Candomblé e na Umbanda*. Uberlândia: Composer, 2018.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada*. Tempo Social; Ver. Sociol. USP, S. Paulo. Pp. 119. 1993 (editado em nov. 1994).
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro Negro: Umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo; Brasiliense. 1991.
- PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo: Sincretismo católico e demonização do orixá Exu*. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 46-63, junho/agosto 2001.
- _____. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia. das Letras. 2002.
- RAIMUNDO, Maria Helena. *Nas Margens da fé: A Umbanda e o Candomblé e seus enfrentamentos contra a violência e discriminação de práticas sociais afro-brasileiras*, em Uberlândia/MG (1980-2000). Minas Gerais, Uberlândia, 2020. Dissertação.
- RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SANTO, Diana Espírito. *Algumas observações em torno da renovação na umbanda urbana contemporânea*. Caicó, v. 15, n. 34, p. 122-150, jan./jun. 2014. Dossiê Religiões Afro-brasileiras.
- SIMAS, Luiz Antônio. *Umbandas: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- VIANNA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. São Paulo. Companhia Editorial Nacional. 1938.